

# ESTUDOS

DE FOLCLORE CEARENSE

EDUARDO CAMPOS

# ESTUDOS

DE FOLCLORE CEARENSE

Fortaleza  
1960

## **AS CLÁSSICAS DUAS PALAVRAS**

*O que se vai ler a seguir, exceção feita ao “O texto teatral do bumba-meu-boi”, que é um estudo inédito, todos 08 demais trabalhos foram publicados em “Unitário” (Fortaleza) e “O Jornal” (Rio de Janeiro), na agradável imposição semanal de uma colaboração jornalística que, se outro proveito não teve, pelo menos ofereceu-nos a oportunidade de entrar em contato com novos temas do folclore cearense.*

*É escusado dizer que afora o empenho de pesquisar, com honestidade, e fazer chegar aos outros o que pensamos descobrir, em sua integridade, nenhuma pretensão de ordem literária animou-nos. Se algum valor existir nesses trabalhos, insistimos, sê-lo-á, para honra nossa, o da pesquisa sincera. E acreditamos que tão por isso - o bastante para recompensar o trabalho feito - é que o Magnífico Reitor Antônio Martins Filho, da Universidade do Ceará, resolveu patrocinar a presente edição.*

*O interesse que o modesto livro suscitará, valerá por certo como estímulo aos que, como nós, sempre se empenharam na procura da verdadeira linguagem de sabedoria e emoções do povo.*

**E.C**

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| AS CLÁSSICAS DUAS PALAVRAS                              |     |
| O TEXTO TEATRAL DO BUMBA-MEU-BOI .....                  | 9   |
| INFERNO, CÃO E ENXOFRE .....                            | 49  |
| CANTORIA E RELIGIOSIDADE .....                          | 59  |
| O CAIU – TEMA FOLCLÓRICO .....                          | 69  |
| HERÓIS E VALENTES NO CONCEITO DO POVO .....             | 79  |
| DOS REPASTOS, DA REIMA E DE SUAS<br>CONSEQÜÊNCIAS ..... | 93  |
| MAGIA E MEDICINA POPULAR .....                          | 109 |
| CERÂMICA POPULAR CEARENSE .....                         | 119 |
| MAU OLHADO E OUTROS TEMAS .....                         | 127 |

## **O Texto teatral do bumba-meu-boi**

O bumba-meu-boi ou, simplesmente, o boi, é o folguedo popular de maior e melhor aceitação entre os menos abastados da terra cearense. Quando, aos poucos, vai desaparecendo a encenação de pastoris e torna-se rara a função dos congos – distanciando-se a época em que existiram e foram documentados, com facilidade, por escritores como Gustavo Barroso – o bumba-meu-boi conserva-se firme à sua tradição de divertir o povo, superando as dificuldades impostas pelos tempos modernos e o desinteresse das elites, agora, mais caracterizadamente desamorosas aos sentimentos coletivos dos pobres.

Em parte, o desinteresse pelos folguedos populares decorre do advento dos meios modernos de diversões – o cinema, o rádio, por exemplo – do futebol, da vida social mais intensa em clubes, sob a influência de novos hábitos; do próprio encarecimento do custo de vida, tornando difícil a formação de novos grupos festeiros para divertimentos sadios e, em última análise, da falta de estímulo do poder público pouco receptível a essa modalidade de entretenimento das massas.

Tema apaixonante para numerosos folcloristas, o bumba-meu-boi tem ido às páginas de diversos livros, merecendo judiciosos estudos e interpretações. Dentre tantos, que a memória não ajuda a citar sem as inevitáveis omissões, podere-

mos lembrar os nomes de Gustavo Barroso, Luís da Câmara Cascudo, Rodrigues de Carvalho, Melo Morais Filho, Oneyda Alvarenga, Florival Seraine, Ascenço Ferreira.

O folguedo popular, tendo como principal figura o boi, não é divertimento somente nosso. Pode-se descobrir semelhanças no “Beef Gras” dos franceses, na “pantomima taurina chamada “La Barroza”, que se realiza na localidade de Ovejar, da província espanhola de Soria, com um touro de disfarce”, conforme lembra Florival Seraine, citando Hoyos Sáinz, de onde teria se gerado. E de acordo com outros, inspira-se o autodramático no culto ao boi, animal que nesse desfile de séculos já conheceu fases em que foi homenageado com respeitosa adoração. Não faz muito tempo, no Ceará, existiu um touro considerado milagroso. O fato ocorreu em Juazeiro do Norte. O animal pertencia ao beato José Lourenço e foi morto por ordem do deputado Floro Bartolomeu da Costa, em face da exploração e do fanatismo que se formavam em volta do animal, cuja urina era receitada para oftalmias.

Pelo que temos lido, melhor ainda, pelo que temos igualmente pesquisado, o boi, antigamente, era folguedo em que avultavam os versos musicados, cantados pelos foliões que se acompanhavam de instrumentos comuns ao ambiente. É certo que sempre houve uma parte dialogada, mas tão pequena, que servia apenas para dar seqüência aos números musicais que os brincantes entoavam, e auxiliar a interpretação que as figuras desejavam emprestar à brincadeira.

Imaginamos ser o bumba-meu-boi um autodramático, de gênero quase idêntico àquele que Gil Vicente, por ocasião do nascimento de D. João III, fez representar na corte portuguesa. Brito Rebelo, autor da biografia de Gil Vicente (editada em 1912, em Lisboa), conta-nos que se achavam “na câmara da real puérpera, além de D. Manuel, seu esposo, a duquesa de Bragança, irmã deste, e a mãe de ambos a infanta

d. Beatriz, a quem a rubrica chama rainha. Entrou a certo tempo um vaqueiro, que fingindo-se agredido pelos guardas, à entrada, refere o que passou nesse conflito: depois dirigindo-se ao príncipe e à rainha apresenta-lhe os seus ascendentes, e termina por fazer entrar diversas figuras em traje de pastores...”

Somos levados a crer que os promotores do folguedo, cujas raízes se perdem no tempo, tentando favorecê-lo para melhor aceitação, atualmente estão enriquecendo-o de mais diálogos. E é principalmente essa fase que oferece ao boi maiores possibilidades de penetração em seu público, sempre numeroso.

É bem verdade que em certas passagens da brincadeira surgem diálogos em que vão repetidos lugares-comuns de farsas, embora predomine no desenrolar do tema a mesma espontaneidade, marcada pelo espírito atilado e, muitas vezes, irreverente do homem do sertão.

Dispondo-nos a realizar esse trabalho, não tivemos a preocupação de escrever uma interpretação definitiva, ou pelo menos diferente do bumba-meu-boi, mesmo porque poderíamos sacrificar o ângulo de exame pelo qual o acompanhamos em sua evolução, sem livrá-lo do grave prejuízo da adoção de alguma infeliz e pretensiosa teoria. Desejamos servir o resultado de nossa pesquisa sobre a atualidade do boi a outros estudiosos, como simples contribuição, e assim fazemo-lo, não por comodismo, mas por precaução e zelo.

Em verdade são poucos os elementos elucidativos e há todo um caminho a percorrer – no qual a pesquisa há de ter inestimável valor até que seja encontrado o aferidor para as alterações que está sofrendo o mais importante folguedo popular do Ceará, tornando-se entre nós, decididamente, um autodramático marcado por viva dialogação, espontânea e alegre, que distrai, e que não vimos repetida em trabalhos

anteriores sobre o assunto, o que nos encoraja a acreditar tratar-se de uma particularidade do Ceará, ou, não pretendendo muito, um detalhe importante até agora posto à margem pelos pesquisadores.

Para o presente estudo tivemos que assistir à exibição de vários bois, selecionando os dois que nos pareceram melhores, denominados: Boi Paraense e Boi Fortaleza. O primeiro, vimo-lo apresentar-se em Mondubim, distrito do Município de Fortaleza, a poucos quilômetros do centro da cidade. O segundo – de características mais interessantes para o estudo que ora empreendemos – fazia exposições restritas à orla marítima, notadamente em pontos como Mucuripe, Volta da Jurema e adjacências. De um modo geral, nada de especial existe para os distinguir de tantos outros bois estudados anteriormente por diligentes pesquisadores. Os personagens que participam do folguedo são quase os mesmos e vestem-se modestamente. Os homens, via de regra, apresentam-se de calças de laquê amarelo e blusa azul; as mulheres, de saia verde ou azul ou blusa igualmente amarela. Tipos definidos como a negra Catirina (que retrata uma velha metida num vestido velho, rasgado e desabusada), os índios (de cocares e penas), o Vaqueiro: (com a sua veste de couro, gibão, etc.), são exceções nesse precário guarda-roupa. Acrescente-se que pequenos detalhes na fantasia de cada um serve sempre para explicar-lhe a identidade. Assim sendo, em ambos os bois, o Capitão usava um quepe e exibia uma chibata (símbolo da autoridade) – a Rainha ostentava bonita Coro:a e o Doutor: – que fazia duas ou três entradas – aparecia nessa ocasião carregando uma mala, exagerada versão da maletinha médica. Quanto às figuras, tirante a do Caboré que vimos descrita, anteriormente, apenas por outro estudioso da matéria (trata-se de uma ave noturna), as demais são comuns no folguedo: boi, burrinha, ema, etc.

O boi é uma armação de sarrafos e taliscas de madeira, às vezes feito de vime entrelaçado, dando forma a um arcabouço taurino que se assemelha ao real. Referido arcabouço é coberto de fazenda grossa – quase sempre morim – pintada de branco com pintas pretas. Outros bois são pintados de azul ou amarelo, mas em todos existe a participação do branco dando-lhes colorido especial. Debaixo dessa armação esconde-se um homem – o mais astuto do grupo que se diverte – que dança e, em várias oportunidades da brincadeira, corre atrás dos meninos, ameaçando-os com os cornos.

As figuras, à imitação do boi, tanto quanto possível, acercam-se da semelhança do animal representado, embora não seja necessário esconderem-se os dançarmos sob a armação para movimentá-los, como no caso do boi. O dançarino aparece por inteiro, dando a impressão de que está montando no animal. Sirva de exemplo a burrinha. Geralmente a figura é uma composição híbrida: homem e bicho ao mesmo tempo, e que invariavelmente assusta as crianças.

Nas apresentações do Boi Fortaleza assinala-se que apenas três figuras o integram, enquanto avultam em número bem acrescido os personagens. Existem alguns deles que raramente vimos citados anteriormente, como o noivo, a noiva e o padre. Aliás, registre-se de uma vez por todas: nas pagodeiras coletivas do povo cearense, principalmente no tríduo momino, o casamento é uma pantomima das mais representadas. É inevitável, no carnaval, a presença do casamento, cena humorística, rememorando casamentos que se realizam na roça, quase sempre numa crítica pouco feliz aos nossos irmãos sertanejos.

Até bem pouco tempo não havia divertimento de moças e rapazes que não incluísse o tão animado casamento com a presença dos noivos, dos padrinhos, do padre e de

um sacristão que, normalmente, serve para sublinhar as passagens mais jocosas com perguntas e respostas disparatadas. O autodramático da praia, denominado Boi Fortaleza, é mais teatral do que o seu homônimo de Mondubim, que ainda guarda a semelhança com os demais bois estudados antes. Os cantos que marcam as entradas das figuras e dos personagens são em menor quantidade e não têm a riqueza do folclore musical apresentado pelo primeiro.

Guardando absoluta fidelidade aos diálogos, anotamos todas as cenas, de maneira cuidadosa, e para tanto tivemos que assistir a ambos, mais de uma vez. O que se vai ler a seguir, na medida do possível, é a linguagem saborosa, natural, dos nossos artistas populares. Muitos dos repentes registrados na primeira vez não se repetiram depois, o que prova existir muita improvisação no desenrolar da brincadeira. Entretanto, em linhas gerais, o bumba-meu-boi desenvolve-se, guardando as mesmas características, adotando outras quando se desloca para ambientes onde a popularidade e a importância de seu patrocinador exige que se alterem algumas passagens dos diálogos ou dos versos, em sua homenagem.

Obedeceremos à prosódia natural dos dois grupos de foliões, na reprodução do texto teatral, mesmo porque registrá-los de outra maneira seria correr o risco de prejudicar o roteiro de palavras que serve de apoio a ambos os folguedos.

Preferimos, igualmente, adotar o sistema teatral na maneira de redigir, ficando entendido que a parte descritiva, sem nenhuma ligação com o texto, estará sempre desenvolvida entre parênteses.

## “BOI PARAENSE” (Da Serrinha)

|              |  |
|--------------|--|
| Personagens: | Vaqueiro:<br>Galante<br>Galante II<br>Dondon<br>General<br>General II<br>Capitão<br>Catirina<br>Rainha<br>Índios (4) |
| Figuras:     | Papangus (3)<br>Boi<br>Burrinha<br>Ema<br>Caboré   |
| Local:       | Mondubim, residência do Sr. Joaquim Alves da Mota. Véspera de Reis (1953).   |

(Aproxima-se o grupo que exhibe o bumba-meu-boi. À frente, fazendo passos e volteios, vem o boi. A ponta do chifre prende-se uma lamparina. Há gritos cadenciados dos vinte e poucos personagens que o seguem: “Éh boi!” – “Éh boi!”. Diante da casa do senhor que patrocina a exibição, o bando estaca. Os que se divertem, formam um círculo. A essa altura o patrocinador da exibição e seus familiares já se encontram sentados à calçada, pois o folguedo vai ser apresentado na rua).

Vaqueiro: (Com um bastão na mão, dando pulos, vai até aonde se encontram os promotores da festa). E canta:

O BOI

“Entremos, entremos,  
Em ordem de fogo!  
Stamos com muita alegria  
Com Nosso Senhor  
Com a Virgem Maria!”

Coro: (Repete) “Entremos, entremos...”

Vaqueiro: “Nós somos soldados  
De dois batalhões  
De costa e de frente  
Com joelho na terra

Coro: (Repete) “Entremos.. entremos.

Vaqueiro: Entremos, entremos,  
Em jardim de flor  
Por Nosso Senhor  
Por Nossa Senhora  
Por Nosso Senhor  
Por Nossa Senhora

Coro: (Repete) “Por Nosso Senhor, etc....

Doutor: (Bate palmas, a poucos passos do Vaqueiro:  
que agora, após ouvir o Coro:, está calado).

Vaqueiro: Quem está batendo aí?

Doutor: A mão direita na esquerda.

Vaqueiro: (Levantando a voz, fazendo-a ao mesmo tempo gutural)

Me responda quem tá batendo aí, e se a mão direita tem dono?

Doutor: Essa mão direita qui tá batendo na esquerda é a gota serena. O que eu quero aqui é o *sibite*.

Vaqueiro: Que sibite qual nada. Fale direito: é o seguinte!

Doutor: Mas minha língua num dá pra dizer seguinte.

Vaqueiro: E você num disse agora?

Doutor: (Fingindo-se esquecido) E eu disse? Mas eu disse mesmo se-guin-te?

Vaqueiro: Cabra, eu puxo sua orelha! (Pega-o de surpresa e puxa-lhe as orelhas).

Doutor: Ai! Ai! Ai! Eu vim aqui foi contar uma história. Então conte. Não seja desaforado. (Segurando-o pelas orelhas, abana-lhe a cabeça de um para outro lado). Respeite as incelências!

Doutor: Virge! Você pensará que eu sou gaveta pra ficar pra lá e pra cá?

Vaqueiro: (Dá-lhe uma bofetada. O Doutor: cai). Toma!

Doutor: Ai, que dor no camburão!

Vaqueiro: Que camburão, cabra ignorante! Coração. Não tem acanhamento de vir dizer besteira na praça pública!

Doutor: Massa puba? Me dá dois tostão dela pra eu dar pros porcos...

Vaqueiro: Que massa puba! Eu falei em Praça Pública. (Pausa). Pois é, aqui na avenida...

Doutor: (Fazendo-se desentendido) – Na ferida?

Vaqueiro: Que ferida qual nada. Eu não tenho ferida. Eu vivo bem.

Doutor: É, mas o poleiro dos outros é que sofre com isso...

Vaqueiro: Mas diga lá o que você vinha dizer.

Doutor: Eu vinha trazer um remédio pra sua mãe.

Vaqueiro: Quando é que ela morre?

Doutor: Ela morre daqui pro fim da vida.

Vaqueiro: Diga que remédio você trouxe?

Doutor: Tenha carma. Foi coisa que eu nunca vi: quatro pebas num buraco, lagartixa mascar fumo e galinha cheirar tabaco.

Vaqueiro: Mas diga o remédio, cabra!

Doutor: Bom, o remédio é cabelo de cobra, perna de tamborete, numa panela sem fundo. E pronto.

Vaqueiro: Doutor: das miseras! (Corre atrás do Doutor: que se esconde no meio dos outros. Apita.

Canta o Coro: com acompanhamento de pequeno regional).

Coro: “Eu tava na peneira  
Eu tava penerando  
Eu tava no namoro  
Namora, tou namorando”.

Vaqueiro: “Quando eu vim lá de casa  
E passei no Iguatu  
Todo mundo me dizia  
Você roubava peru”.

Doutor: “Eu tava na peneira... etc.”

Doutor: “Menina, se queres bem  
Não te põe a maginá  
Quem imagina cria medo  
Quem tem medo num vai lá”

Coro: “Tava na peneira, etc..

Vaqueiro: “Lá vem a lua saindo  
Redonda como um anel  
Quem namora moça bonita  
Vai direto para o céu”.

Coro: “Tava na peneira, etc

Doutor: “Doninha, diga a seu pai  
Que eu sou trabalhador  
Chovendo, não vou pra roça  
Com sol quente lá não vou

Coro: “Tava na peneira, etc...

Vaqueiro: “Escute, meu caro Doutor:  
Dê valor ao meu cantar  
Eu sou Vaqueiro: velho  
Num prometo pra faltar”.

(O Vaqueiro: apita outra vez. Os índios, que estavam mais afastados, aproximam-se do centro do círculo dos foliões. O Coro:, que é constituído da Rainha, Galantes e índios – dos quatro, dois são mulheres – principia a entoar a outra canção).

Coro: “Meu canário amarelo  
Cantador!  
Se tu vais, ó peneira  
Eu também vou!

Vou tirar essas penas  
Que tu tem!  
Pois amar a donzela  
E querer bem

(O Coro: silencia. No mesmo instante o Doutor: bate palmas, como o fizera no início do espetáculo).

Vaqueiro: Quem está batendo?

Doutor: É a mão direita na esquerda.

Vaqueiro: Pois entre.

Doutor: Já ‘stou dentro.

Vaqueiro: Quem é você?

A BURRINHA

Doutor: Eu sou o dr. Fôia seca.  
Vaqueiro: Que Fôia seca. Você quer dizer Fonseca...  
Doutor: É, mas minha língua não dá pra dizer FON-SE-CA.  
  
Vaqueiro: E você num disse agora?  
  
Doutor: E eu disse? (Para o público). Vocês ouviram? Eu falei nisso?  
  
Vaqueiro: (Autoritário). Venha cá. Explique pros homens o que veio fazer aqui.  
  
Doutor: Eu vim negociar.  
  
Vaqueiro: Negociar o que?  
  
Doutor: Eu vim vender o Burelzinho.  
  
Vaqueiro: que é que ele sabe fazer  
  
Doutor: Ele sabe somar, dividir, diminuir, roubar...  
Doutor:  
(Pausa, mudando logo de tom) – Roubar, não.  
  
Vaqueiro: Chame o menino.  
  
Doutor: Vem cá, Burelzinho.

(O conjunto de pau e cordas principia a tocar. Burelzinho – que é um menino que dança representando a Burrinha – faz a divertida coreografia. De repente, como se acometido

por um mal súbito, cai ao chão. Há um alvoroço exagerado de todos os personagens...)

Doutor: Virgem! O menino morreu!

Vaqueiro: Vamos, Doutor:, dê um jeito.

Doutor: Não posso não. O menino 'stá morto. (Pausa) Este menino é seu filho. Se você chamar por ele, ele fica bom e se levanta.

Vaqueiro: Que meu filho qual nada!

Doutor: Pois vamos fazer uma aposta.

Vaqueiro: Dez cacetadas contra dez.

Doutor: Pois chame o menino, três vezes

Vaqueiro: (Meio tímido, desajeitado, aproxima-se de Burelzinho): Meu filho, meu filho, meu filho.

Doutor: Chame novamente..

Vaqueiro: Meu filho, meu filho, meu filho!

Doutor: Virgem! Parece que o menino é meu filho. (Vai até perto do menino). (Voltando-se para o Vaqueiro:) Se fosse já tinha acordado.

Vaqueiro: Chame alto.

Doutor: (Com receio, ainda baixo) filho, meu...

Burelzinho: (Acordando): Inhor, meu pai.

Vaqueiro: É seu, cabra, se prepare para apanhar.

Doutor: Não faça isso comigo Tenha piedade. (Deita-se ao chão).

Vaqueiro: Se levante, cabra, que eu só dou em homem em pé.

Doutor: Pois eu então não me levanto. (Desenvolve-se um diálogo muito rápido entre o Vaqueiro: e o Doutor:, causando hilaridade ao público. Burelzinho principia a chamar de pai a um e a outro. Tão empolgados ficam na discussão que se erguem Burelzinho e o Doutor:. O conjunto de pau e corda volta a tocar. É a vez do Coro:).

Coro: “Cai, cai, chuva miudinha  
Na copa do meu chapéu  
Eu também sou miudinho  
Como a estrelinha do céu.  
Vaqueiro: “Cajueiro pequenino  
Carregado de fulô  
Eu também sou pequenino  
Carregadinho de amô”.

Coro: “Cai, cai, chuva miudinha, etc.”.

Doutor: “A estrela mariante  
Esteve lá no alto mar  
Eu também sou mariante  
Para o mar vou navegar

Coro: Cai, cai, chuva miudinha... etc.”

Vaqueiro: Necessidade, calafrio, tosse e preguiça.

Vaqueiro: “Joguei meu limão n’água  
De pesado foi ao fundo.  
Triste da mocinha nova  
Que cai na boca do mundo”.

Coro: “Cai, cai, chuva miudinha, etc...”

Doutor: “Menina dos olhos grandes  
Sobrancelha de veludo  
Seu pai não tem dinheiro  
Mas seu riso vale tudo...”

Coro: “Cai, cai, chuva miudinha, etc...”

(O Vaqueiro: apita. Cessa o Coro:. O Doutor:  
já está mais afastado, batendo palmas).

Vaqueiro: Quem está aí, batendo palmas?

Doutor: Pronto, seu Vaqueiro:, sou eu...

Vaqueiro: Eu quem?

Doutor: O homem que vem vender um boi.

Vaqueiro: Vender um boi? E esse boi presta?

Doutor: Presta. Esse boi sabe fazer tudo. Dança,  
pinota corre atrás de menino, é valente, dá  
pontada...

Vaqueiro: O boi é meu. Pago toda a minha fortuna por ele.

Doutor: Qual é a sua fortuna?

Vaqueiro: Necessidade, calafrio, tosse e preguiça.

Doutor: Não serve! O boi é bom mesmo. Só vendo por cem contos!

Vaqueiro: Pois é meu. No dia se São Nunca volte aqui e eu lhe pago. (O boi se aproxima, fazendo passos, enquanto a orquestrinha já voltou a tocar outra vez. Há uma curiosidade exagerada de todos os personagens para ver o boi. O boi no meio do círculo continua fazendo volteios”).

Vaqueiro: “Vá buscar o meu garrote  
Nas campinas do sertão,  
Meu Deus, meu amo me chama  
Meu Deus, para que será!”

Coro: “Sete dias, sete noites  
Que ando na vaquejada  
Atrás do Boi Paraense  
Que não dormiu na malhada”.

Vaqueiro: Chama a Catirina! Onde anda negra!

Catirina: (Entra aos pulos, com um cabo de vassoura procurando atingir os presentes com pauladas) Ai, que sou a negra danada!

Vaqueiro: Cadê o meu chapéu de couro, Catirina?

Catirina: Vim só trazer ele, meu amo. (Entrega-lhe o chapéu de couro).

Coro: “Ó mana, vamos nós dois  
Pegar o boi!  
Ajudar o Matheus  
Pegar o boi!”

Vaqueiro: “Pastorinhas belas  
Que andam fazendo?  
Pastorando o gado  
Que estão comendo!”

Coro: “Ó mana, vamos nós dois, etc”.

Vaqueiro: “Me diga pastora  
Que faz aqui  
Pastorando o gado  
Lá do meu Piauí

Coro: “Ó mana, vamos nós dois, etc”.

Vaqueiro: (Vai para a frente do boi, a excitá-lo com palavras e gestos, convidando-o à dança): Vamos pra frente, meu boi bonito! Passa pra cá! Olha o pessoal!  
(A orquestra toca em ritmo apressado. O boi dança, enquanto o Vaqueiro: vai cantando)

Pega essa roupa!

Coro: É boi!  
Sem galizia!

Coro: É boi!  
Fasta pra trás  
Olha esse negro  
Se o negro é doido  
Sabe lutar  
Sem padrinho  
Com valentia  
Quando eu mandar  
Ele vai embora  
Vai descansar  
Bumba-meu-boi  
Quero um serviço  
Capitão, olhe o boi  
Preste atenção!  
Que eu vou cantar  
Quando eu mandar  
Não tenha medo  
Faça carreira  
Boi Paraense  
Boi ladainha  
Pega de jeito  
Faz continência  
Pra essa Rainha  
Ela vai dominar  
Com o chefe Vaqueiro:  
Em todo lugar, etc., etc.

(Depois de alguns minutos o boi, de repente, prosta-se ao chão. Há gritos dos personagens: “O Boi morreu!” E o Vaqueiro: curioso anda à procura de saber quem matou o boi).

A EMA

Vaqueiro: Quem matou o boi?

Doutor: Só pode ter sido a morte.

Vaqueiro: Mas você é o Doutor:, precisa dar um jeito!...

Doutor: Quem dá jeito é queda de cabeça pra baixo...

Vaqueiro: Eu paguei o boi. Quero o boi vivo!

Doutor: Pronto, já me lembrei Vou fazer um remédio pra ele.

(Sai correndo atrás dos meninos. Quando agarra um deles, trá-lo às pressas e joga-o aos fundilhos do boi. Há meninos que choram, outros que gritam... e as gargalhadas tomam conta da platéia improvisada).

Coro: “Boa noite, seu moço  
Como está, como passou?  
Vim vender a língua do boi  
Quem morde sem fazer dor  
Senhor dono do boi  
Não acredite, é mentira!

Boa noite, seu fulano (nome da pessoa importante presente ao folguedo)

Como está, como passou?  
Vim vender o fígado do boi  
Que dá sustança a Doutor:  
Senhor dono do boi  
Não acredite que é mentira.

Boa noite, seu fulano, etc.”

Assim vão distribuindo todas as vísceras do boi. Há versos interessantes, principalmente quando a distribuição chega à partilha dos chifres (símbolo da infidelidade conjugal) e da rabada. Essa última parte fica sempre para a rapazeada, no aproveitamento lógico da rima. Concluída a partilha – e enquanto se processa corre uma bandeja recolhendo o dinheiro, principalmente das pessoas contempladas com a divisão do boi – o coro volta a cantar, mais alegre com acompanhamento de orquestra).

Coro: “Eu vou mimbora,  
Maneiro pau, maneiro pau!  
Segunda-feira que vem  
Maneiro pau, maneiro pau!

Quem não me conhece chora  
Maneiro pau, maneiro pau!  
Que fará quem me quer bem  
Maneiro pau, maneiro pau”.

Vaqueiro: “Se não for na lancha nova  
vou no rebocador  
Vou mimbora pra serrinha  
O paraense é o vencedor”.

Coro: “Eu vou mimbora, vou mimbora,  
Maneiro pau, maneiro pau!  
Segunda-feira que vem, etc., etc.”

(Retiram-se todos. O Boi, já de pé, marca passos, procurando atingir os circunstantes com marradas, enquanto é grande o alvoroço dos que se dispersam. Na ponta do chifre, novamente, a lamparina acesa...)

## II

### “BOI FORTALEZA” (Das praias de Fortaleza)

Personagens: Vaqueiro  
Mateus  
Doutor  
Índios (4)  
Padre  
Noivo  
Noiva  
Catirina  
Capitão  
Inocência  
Papangus (4)

Figuras: Boi  
Burrinha  
Urubu

Local: Mucuripe, Fort. 1952.

(Como no auto anterior, os que participam do folguedo se aproximam do terreiro da casa aonde vai ter lugar a função. A função, no caso, é a dança do bumba-meu-boi. O grupo se aproxima, e forma diante da casa do patrono da brincadeira).

Coro: “Senhora dona da casa  
Não queremos seu dinheiro  
Queremos sua licença  
Pra brincar no seu terreiro (bis)”

Vaqueiro: “Cajueiro pequenino Noivo  
Carregado de fulô  
Eu também sou pequenino  
Carregadinho de amô”.

Coro: “Senhora dona da casa, etc...”

Vaqueiro: “Se essa rua fosse minha  
Eu mandava ladrilhar  
Com pedrinhas de diamante  
Para o meu boi passear”.

Coro: “Senhora dona da casa, etc.”

Vaqueiro: “Chove, chuva miudinha  
Na copa do meu chapéu  
Eu também sou miudinho  
Como as estrelas do céu”.

Coro: “Senhora dona da casa, etc...”  
(É feito um círculo mais ou menos de quinze metros. No centro, ao findar o canto, Catirina sapateia com Inocência, quando batem palmas. Os dois param de dançar).

Inocência: Que diabo é isso. Parece que tão batendo palma com uma mão de pilão. Vai lá, Catirina.

Catirina: Não é ninguém não, meu velho. é um rapaz que quer falar com você.

Inocência: Manda ele entrar.

Noivo: Bom dia, seu Inocência, eu quero uma conversa com o senhor.

Inocência: Vá dizendo o que quer.

Inocência: Seu Inocência, eu quero casar cum a sua fia Francisquinha. Eu vim pedir a sua fia em casamento.

Inocência: (Virando-se para Catirina. Evidentemente finge que é moço e que entende tudo ao contrário. É a graça da brincadeira) Mas minha velha esse homem veio dizer que as meninas andam no calçamento.

Noivo: Não seu Inocência. Eu vim foi pedir a mão da sua fia.

Inocência: Ah, quer casar com ela. Minha fia que estrumo tanto. Você trabalha em que?

Noivo: Eu sou birreiro. Faço birro de almofada.

Inocência: Como é que você quer sustetnar minha fia com birro.

Noivo: Ora, eu sustento até o senhor e a d. Catirina.

Inocência: 'Stá bem. Quando é isso?

Noivo: É na quinta-feira.

Inocência: Catirina, chama a noiva.

Catirina: (Gritando para o lado) Anda, minha fia, que o homem quer casar.

Noiva: (Entrando) – Ai, ai, ai, ai!

Inocência: Virgem, como anda isso de facho aceso!

Noivo: Preciso ir chamar o padre!

Catirina: Quem vai buscar ele sou eu. (Alegrando os demais) Viva o noivo, viva a noiva! (A orquestrinha principia a tocar. O Vaqueiro: faz o boi dançar, enquanto o coro principia a cantar...)

Coro: “Levanta, Boi Fortaleza  
Boi primeiro do lugar  
Lá vem o boi, lá vai o boi!  
De lá, daqui pra lá!”

Vaqueiro: “Desde que meu boi nasceu  
nunca mais serrei as pontas  
Lá vem boi, lá vai boi!  
E eu torno a cantar”.

Coro: “Levanta, Boi Fortaleza, etc.”

Capitão: “Onde está o meu vaqueiro  
Que eu não ouço falar  
Se ele é vivo ou se é morto  
Quero mandar enterrar”.

Coro: “Levanta, Boi Fortaleza, etc.”

- Vaqueiro: “Levanta, Boi Fortaleza,  
Boi primeiro do lugar  
Boi de fama como este  
Nos sertão não haverá.”
- Coro: “Urrou! Urrou!  
Urrar! Urrar!  
Urra meu boi nas campinas  
E canta a sereia do mar (bis)”.
- Capitão: Matheus, vá ver se Catirina já vem com o  
padre! Mateus: É já, meu capitão.
- Capitão: “É ele, já vem chegando. (O padre se apro-  
xima, seguido de Catirina)
- Mateus: É o padre Maçarico!
- Padre: Maçarico não, Maçalino. Pra que me manda-  
ram chamar?
- Inocência: Foi pra casar minha fia. (Outro tom) Cadê  
essa praga? Onde se meteu a noiva?
- Noiva: Tou aqui, pai.
- Padre: Num vamos perder tempo. O noivo pra esse  
lado e a noiva pro outro. (Virando-se para  
um dos personagens). Sacristão, quando eu  
mandar tu baixar, tu te alevanta, quando eu  
mandar levantar, tu te baixa... Agora. (De  
maneira solene, diz em voz alta as seguintes  
palavras como se fosse uma oração). Orate

frate... Urucubaquinha da miúda, sebo de pulga, misturada com banha de cafute, ligue esses dois pedaços de mau caminho... Sacristão, diz Amem! Pronto.

Capitão: Aconselhe agora os noivos, seu Padre.

Padre: Praga de percevejo, bicho de pé tome conta de vós. Hão de viver como gato e cachorro, hão de ter tanto sossego como as ondas do mar. E, agora, eu quero meu dinheiro.

Capitão: Paga o padre, Catirina.

Inocência: Mete a bexiga nele! (Catirina corre atrás do padre para castigá-lo. O padre foge. Há gritos dos circunstantes. Principiam todos a cantar com acompanhamento do conjunto de pau e corda).

Capitão: Ele é meu boi – É boi!  
Meu boi bonito – É boi!  
Amola as pontas – É boi!  
Dá nesse povo – É boi!  
Dá meia volta – É boi!”

Matheus: vaqueiro, olha o boi, te prepara cabra, segura o boi pelas pontas.

Capitão: “Ele é meu boi – É boi!  
Dá no Vaqueiro: – É boi!  
Vaqueiro olha o boi – É boi!  
Dá nesse cabra – É boi!”

Vaqueiro: “Mateus olha o boi – É boi!  
Dá nesse negro – É boi!  
Olha o boi, Mateus, segura ele pelas pontas  
Catirina olha o boi – É boi!  
Dá nessa nêga – É boi!  
Dá no boi, Catirina – É boi!  
Pega a nêga com jeito – É boi!”

(O boi, a certa altura do folgado, deita-se. Pára de movimentar-se. O capitão, aflito, interpela ao Vaqueiro: e a Mateus. Cessa o acompanhamento musical. Cala-se o coro).

Capitão: Como é que esse boi ‘stava dançando e de repente fica doente? Só mandando buscar o Doutor: pra consertar ele. Mateus, vai na botica e diz ao Doutor: que é preciso receitar o boi. Tu não vai chamar o Doutor: de Canabraba, o nome dele é Canabrava.

(Mateus sai ligeiro, e, um pouco afastado do grupo principal da brincadeira, dá o recado).

Mateus: Dr. Canabraba, seu capitão mandou dizer pro senhor ir consertar o boi que está doente, tudo vomita o que come.

Doutor: (Aproximando-se, acompanhado de Mateus).  
Dr. Canabraba o que, seu Patife, canela suja!  
Meu nome é Canabrava. Vê lá se eu sou doutor do boi. Eu sou é formado nas estranjas, Doutor: pra ganhar dinheiro.

Mateus: É pra ganhar dinheiro, seu doutor.

Doutor: (Pára a poucos passos do capitão). Diga pra ele que só vou de automóvel!

Mateus: (Indo ao Capitão) Seu Capitão, o doutor foi mordido de cachorro doido. Disse que só vem se for de astromove.

Capitão: Vai na garage e tira um carro pra ir buscar o doutor.

Mateus: (Dá umas voltas e se aproxima outra vez do Doutor:). – Pronto, se amonte aqui nas minhas costas, que o automóvel chegou.

Doutor: (Sobe para os ombros do outro, que o leva para o centro do círculo em que se desenvolve o folguedo) Pronto, cheguei. Pra que me mandaram chamar?

Capitão: É o meu boi do Piauí que ‘stá doente e eu queria que o doutor passasse uma receita.

Doutor: O que é que tem o boi?

Capitão: Sei lá, seu doutor. Se eu soubesse não lhe mandava chamar.

Doutor: Bem, vamos receitar. Bote a língua do boi pra fora, Mateus. (Mateus procura executar as ordens). Chi... o boi ‘stá com os figos estragados. Esse boi andou comendo cimento

armado. Vou passar a receita. Dê ao boi uma saca de sessenta quilos de sal-amargo dissolvido numa xícara d'água. E eu vou logo dá uma injeção de raio de chifre. Agora, eu quero meu dinheiro.

Capitão: Paga o doutor, Catirina. Taca a bexiga nele! (O Boi levanta-se e volta a dançar outra vez). Corre Mateus! (Catirina e Mateus, sob a assuada dos meninos, correm atrás do doutor, castigando-o. O Boi levanta-se e volta a dançar outra vez).

Coro: “Vaqueiro: de chapéu de couro  
Babicacho de pendão  
Quantas carreiras deu hoje  
Quantos bois botou no chão?”

Vaqueiro: “Não pegue na folha do couve  
Não rasgue pendão de alho  
Você diz que couve é couve  
É couve, cebola, é alho!”

Coro: “Vaqueiro: de chapéu de couro, etc.”

Vaqueiro: “Ai, meus canários belgas

Coro: “Ai, meus curios!  
Ai quem de mim tem pena!  
Ai quem de mim tem dó!”

(Há gritos e palmas. Alguns anunciam: Olhe a Burrinha! E a Burrinha entra em ação, saltitante, dançando. Todos cantam).

Coro: “Olê, ô-lá-lá! Olê, ô-lá-lá!  
Peia a burra, meu cabôco  
Não deixa a burra se soltar!”

Mateus: “A burrinha de meu amo  
Come carne com arroz  
Arrenego dessa burra  
Que não pode com nós dois!”

Coro: “Olê, ô-la-lá! Olê, ô-lá-lá!, etc.”

Mateus: “Quem quebrou as cadeiras  
Que mande consertar  
Que as minhas já quebrei  
Só de tanto requebrar”.

Coro: “Olê, ô-la-lá! Olê, ô-lá-lá!, etc.”

Mateus: “A burrinha do meu amo  
Come carne com feijão  
Só não come carne velha  
Sexta-feira da paixão”.

(Entra em seguida a Ema. É outra animação para os circunstantes e, principalmente, para os que integram o folguedo. Enquanto a ema faz o seu “penerado”, coro canta).

Coro: “Olhe o pássaro que voa  
Peneruê (Peneiro eu)  
Lá no meu sertão  
Peneruê  
Todo pássaro avoa  
Peneruê”.  
Só a Ema não,  
Peneruê

Capitão: “Voa, voa Minha Ema,  
Se tu queres avoar  
A cabeça pra baixo  
E as perninhas pro ar!”

(Retiram-se as figuras secundárias, ficando apenas o boi que continua marcando os passos de sua dança, enquanto o Vaqueiro: vai dizendo num canto triste... ):

Vaqueiro: “Varre o terreiro com vassoura de algodão  
Que a barra do boi é branca!  
Não pode arrastar no chão! (Bis)”.

Capitão: “Cabeça de bagre não tem que chupar  
Quanto mais se chupa mais tem que chupar  
Isto tudo é amar, isto tudo é amar.  
Tarrafeia meu amo, nas ondas do mar”

Vaqueiro  
e coro: “Varre o terreiro com vassoura de algodão, etc.”

Capitão: “Sinhá Mariquinha mandou me chamar  
Que a boca da noite, queria falar  
Isto tudo é amar, isto tudo é amar  
Tarrafeia meu amo, nas ondas do mar”.

Vaqueiro  
e coro: “Varre o terreiro com vassoura de algodão, etc”.

Capitão: “Sinha Mariquinha mandou me dizer  
Que a boca da noite queria me vê  
Isso tudo é amar, isto tudo é amar  
Tarrafeia meu amo, nas ondas do mar”.

(Depois desse cântico, que é triste, o boi morre. Viram-se todos, espantados, para o boi que está no chão, sem movimentos. O Capitão dá ordens).

Capitão: Quero preso, aqui, já-já, quem matou meu boi!

Vaqueiro: Corre, corre, que morreu o boi de meu amo!

Catirina: Isso foi algum menino danado aqui do lugá...

(Está morto o boi. Como não encontram o responsável pela morte do animal, procedem a seguir a repartição do boi. Ainda como vimos no autodramático anterior, o processo é o mesmo. Apenas, há mudança de personagens nas alternativas do canto. O Coro: entra num estribilho especial e o Capitão, ora o Vaqueiro:, vai fazendo a distribuição da carne do boi, com os presentes, atendendo-os por ordem de importância. As partes principais do boi, o filé, a chá de dentro, a chá de fora, são “vendidas” as pessoas mais importantes. As fissuras para os empregados, para a gente sem expressão social. Corre também uma bandejinha (ou uma tijela de ágata) – recolhendo donativos. Terminada essa cena do boi, que é divertida, principalmente na hora de serem distribuídos os chifres – pois ninguém os quer – o Vaqueiro canta:

“Levanta, Boi Fortaleza  
É hora de levantar  
O brinquedo já terminou,  
A gente vai se retirar!”

(O boi ergue-se. Volta a dançar. O bando se organiza com os índios, papangus, etc., para deixar o local da exibição. E entre aplausos retiram-se, entoando esta canção:

“Levanta meu boi!  
É, bumba!  
Toca pra frente! Ê, boi!  
Dá com as pontas!  
Ê, boi!  
Dá nessa nêga! Ê, boi!  
Dá nesse povo! Ê, boi!  
Encosta na ema! Ê, boi!  
Não deixa a burrinha!  
Ê, boi!  
Vamos simbora!  
Ê, boi!  
Desse lugar, Ê, boi!”

Em linhas gerais, é esse o bumba-meu-boi que pode ser visto em Fortaleza. O cenário de atuação está cada vez mais restrito pelo desinteresse das autoridades e, possivelmente, da sociedade, que já não encontra satisfação no divertido folguedo. O boi sobrevive. Certamente – e isso já ressaltamos noutra oportunidade – vai tendo o seu campo de ação deslocado para os subúrbios (conforme verificamos nesse próprio estudo). Diante da pouca receptividade do poder público aos entretenimentos populares, em face do pouco amor de quase toda cidade, ao curioso folguedo – em função de fenômenos os mais diversos – os organizadores da brincadeira já não recebem convites para visitar residências de pessoas ricas. Localiza-se o boi, como espetáculo autêntico, em sua própria zona. É divertimento da classe pobre, coletividade mal compreendida, sem amparo, que apesar de todas as injustiças é o repositório, por tradição, do nosso folclore, no que temos de mais profundo e humano. É ao mesmo tempo o boi, nessa sua fase, dança, música e teatro do povo, principalmente teatro, com um texto próprio e profundamente significativo.

**Inferno, cão e enxofre**

**E**idéia generalizada de que dominam o inferno fogo e enxofre. A literatura popular, mais do que a religiosa, está referta de lendas, de histórias, de simples incidentes em que caldeiras fervendo, fartum de enxofre, gritos lancinantes de pessoas atiradas às chamas caracterizam o indesejável território para onde vão, sem remissão, os pecadores.

Ruth Guimarães, que escreveu “Os filhos do Medo”, delicioso estudo de demopsicologia, referindo-se ao tema, teve a seguinte reflexão a respeito do fogo: “O fogo predomina em quase todas as criações infernais, com exceção do inferno dos escandinavos, chamado Niflheim, onde não há fogo. Os filhos da neve amam demais o calor, para considerá-lo um castigo. Também o inferno dos brâmanes, Naraka, está cheio de mosquitos, serpentes, escorpiões e tigres”.

O demonismo (segundo o que nos ensina William Graham Sumner, “Folkways”, pág. 621) reúne sortilégios, magia, feitiçaria, augúrios, oráculos, etc., “pelos quais se acredita que os homens podem obter poderes superiores” (espíritos, demônios, etc.). “O inferno será – em contrapartida a esse princípio de poder religioso – o castigo para os que se deixam atrair pelas graças dos poderes demoníacos”.

O inferno do nordestino, do caboclo dos sertões cearenses, é um caldeirão fervendo, enorme. Procure ouvir-se uma

definição de tão horrída região, e logo se terá esta em que são demarcadas as suas características principais: o demônio sentado sobre brasas, com um espeto na mão, a catucar os que ali foram parar por conta de seus pecados, obrigados nessa nova existência a jogar lenha às caldeiras, a garantir combustão ao fogo do inferno.

A idéia de caldeiras é substituída, via de regra, pela de caldeirões – e talvez nisso haja uma confusão do povo que não distingue bem o significado das palavras – e aceita sem tergiversar que os caldeirões de ferro instalados sobre trem-pes fervem a água mais quente do mundo e na qual são submersos os pecadores. E o enxofre, com o seu odor designativo, está presente para completar o quadro. Aliás, entende o sertanejo que qualquer mau cheiro pronunciado, o que classifica de catinga, é astúcia do demônio ou de alguém que tem pauta com ele.

Dizem: “Hum, isso está cheirando a cão”, ou, então, “é uma catinga de cão...”

O inferno, em resumo, é o lugar para onde ninguém deseja ir. A primeira ofensa, numa discussão, é mandar-se o desafeto para lá. “Vá pro inferno, seu infeliz!”. Inferno também é sinônimo de lugar distante. Esclarece o sertanejo em conversa: “Fica lá pras bandas do inferno”. Ou então: “Longe que só o inferno!”

Em sua compreensão, o inferno está situado no centro da terra. Por isso é que, às vezes, a terra treme, fendese em brechas enormes. Tanto que “pras profundas” é igualmente sinônimo de inferno. Diz, ainda, o nosso homem do campo, quando está exaltado: “Vá pras profundas!”. Tanto isso é verdade – isto é, esse pensamento a respeito da localização dos domínios demoníacos – que, quando principiam os rurícolas a cavar uma cacimba e vêem que ela se aprofunda muito, sem que apareça água, comentam:

– “Homem, tome cuidado, se não você vai sair no inferno”.

Não muito em raro, surge um espirituoso citando versos em que o inferno, apesar de quente, de ser terra onde dominam as chamas, possui vida organizada, estabelecimentos comerciais, etc., à semelhança de uma cidade. Há os que afirmam que os castigos, ali, são terríveis, enquanto garantem outros que nas ígneas profundas da terra os corretivos são leves.

José Pacheco, historiador popular, em seu folheto “A Chegada de Lampeão no Inferno”, relata o seguinte:

*Houve grande prejuízo no inferno neste dia  
queimou-se todo dinheiro  
que Satanás possuía  
queimou-se o livro de pontos  
perdeu-se vinte mil  
contos somente em mercadoria*

*Reclamava Satanás:  
– Horror maior não precisa  
os anos ruins de safra  
agora mais esta pisa  
se não houver bom inverno  
tão cedo aqui no inferno  
ninguém compra uma camisa.*

Mas a impressão de que o inferno é uma grande caldeira, um caldeirão ou um poço de águas ferventes, nunca se apaga da memória do sertanejo. No romance do “Boi Mandingueiro e do Cavalo Misterioso” há a conversa de quatro urubus (“mais preto do que carvão”), e um deles pergunta enquanto o outro responde:

*“E a Vaca Misteriosa  
O que ela está fazendo?  
– Tomando banho num poço  
Quente que está fervendo  
Semelhante a um tacho  
De cabeça pra baixo  
Vive subindo e descendo”.*

O demônio, eis outra faceta de sua atribulada existência, gosta de apresentar-se aos incautos utilizando os mais diferentes disfarces. Ora é o homem que vai criar um menino que desejou ser seu afilhado, ora é sambista de fama que está dançando na casa de um amigo e, no final da história, sem querer, deixa aparecer sob a boca da calça comprida o pé de pato. Há ainda outras versões: a do cantador misterioso, por exemplo, que desejou enganar um tocador de viola, etc.

Aliás, o cafute, embora desejando mostrar-se astucioso e inteligente, sempre acaba se traindo, como no caso da festa em que o menino gritou – “chega gente, esse homem é o cão, tem o pé de pato!” – E daquela estranha narrativa em que a mulher, que era custodiada pelo demônio, fê-lo entrar para o interior de uma garrafa. Desconfiando que o guarda deixado pelo marido, para vigiá-la, era o próprio Satanás, a mulher disse:

– O senhor que tem tanta força, que faz tudo que quer, aposto como não pode entrar dentro dessa garrafa. – Apointou para uma garrafa que estava ao pé da parede.

– Ora, não entro. Quem lhe disse isso?

E entrou na garrafa. Mal se arrumara no vidro, já a mulher, ardilosa, chegava ao gargalo uma rolha, fechando-a.

José Bernardo da Silva, autor do folheto “Peleja de Manoel Riachão com o Diabo”, dá-nos em versos bem interessantes mais uma descrição do Satanás, no caso, o cantador misterioso, que se apresentou para porfiar:

*Riachão estava cantando  
na cidade do Assu  
quando apareceu um negro  
da espécie de urubu  
tinha a camisa de sola  
e as calças de couro cru.*

*Beijos grossos e virados  
Como a sola de um chinelo  
um olho muito encarnado  
e outro muito amarelo  
este chamou Riachão  
para cantar um martelo.*

O desafio desenvolve-se com ataques de ambas as partes. Enquanto Riachão, surpreso, procura descobrir-lhe a identidade, sem declinar o nome, o outro vai, aos poucos, mostrando até onde influencia o seu poder:

*Você sabendo eu quem sou  
talvez que fique assombrado  
superior a você  
comigo tem se espantado  
os grandes de sua terra  
eu tenho subjogado.*

Os últimos versos não fogem à regra geral das histórias de que participa o demônio.

*O negro olhou Riachão  
com os olhos de cão danado  
Riachão gritou: Jesus!  
Homem Deus sacramentado  
valha-me a Virgem Maria  
a mãe do verbo encarnado!”*

*O negro soltou um grito  
ali desapareceu  
uma catinga de enxofre  
a casa toda encheu  
os cães uivavam na rua  
o chão da casa tremeu.*

É idéia dominante entre os sertanejos que o Demônio é realmente feio, horripilante, às vezes. Daí ser comum dizerem de alguém que possui má catadura: “Vôte, tem a cara do demo” ou então: “É feio que só o Satanás”. A presença de algum desconhecido no vilarejo deixa logo homens e mulheres sobressaltados. Sucedem-se as informações:

– “Tem aí um tipo feio que parece um feiticeiro. Isto é capaz de ser obra do Satanás”.

Outro arrisca: – Dizem que o demo aparece assim, sem dizer nada, mas é só a gente fazer o sinal da cruz, vê logo se ele é mesmo...

O folhetinista José Bernardo da Silva, em seu famoso “Aviso do Pe. Cícero”, publicado para despertar os descuidados e converter os pecadores, dá-nos uma idéia diferente do inferno, quando alude às cavernas:

*Ou a penitência ou o inferno  
Vejo aqui os renitentes  
Ou a minha companhia  
Ou a das feras valentes  
Ou a salvação eterna  
Ou trancados na caverna  
Chorando e rangindo os dentes.*

A verdade é que o inferno, sob esse ou aquele aspecto, está sempre situado no meio da terra, nas profundas; tem

caldeirões fervendo ou caldeira com muita lenha, a arder sem cessar, e o enxofre domina o ambiente, saturando o ar com o seu olor esquisito. Numa coisa está de acordo o povo: nunca se ausentam do inferno os que a ele vão consignados. Só o demônio, parece, desfruta o privilégio de percorrer o mundo e levar consigo, para a tal caverna de que nos fala o poeta, os pecadores desprevenidos que não ouvem a palavra de Deus. Sob os mais diferentes disfarces apresenta-se aos mais crédulos, sendo identificado por Satanás, Capiroto, Demo, Cão, Maligno, Tinhoso, Preto, Cafute, Feiticeiro, Bicho, etc.

Muito, de raro em raro, surgem histórias, fragmentos de contos, em que se tem a referência a diabinhos, etc. Normalmente é o Satanás perseguidor dos incautos, violador de corações bondosos, que aparece pelos caminhos que a vida tem, à procura de suprimento para as suas caldeiras.

## **Cantoria e religiosidade**

O temor a Deus, conduta principal ditada pelos portugueses como único caminho para atingir os céus, é a pedra de toque da religiosidade das populações sertanejas. Gente inculta, de uma maneira geral, apreende as explicações religiosas pelo lado primário e prático. Daí a idéia que têm de inferno, onde ferventes caldeirões preparam a água para receber os pecadores sem perdão, e o pensamento a respeito do céu, que na imaginação popular é lugar onde as pessoas tomam sexo diferente do que tiveram em vida na sua superfície geográfica.

O prof. Joaquim Alves, cuja memória é sempre lembrada, viu de maneira mais objetiva esse problema: “Foi esse excesso de religiosidade herdada dos portugueses que, entre as populações resultantes da missão progressiva de dois séculos, entre portugueses, índios e afros, contribuiu, em grande parte, para o misticismo das populações sertanejas que procuram, nas peregrinações aos santuários do interior, manter um permanente contato com a Divindade”.

Esse contato, a que alude o sociólogo, jamais é descuidado. Principia que os filhos, via de regra, recebem na pia batismal o nome de santos, sendo prática batizar em homenagem aos santos mais conhecidos (São José, Santo Antônio, São Pedro, São Francisco, etc.), dando-lhes seus nomes ou escolhendo o que a folhinha indicar como santo do dia. Com receio das

trovoadas fortes do sertão há atrás de cada porta uma oração, como existe um ensalmo pendurado ao pescoço da mulher que deu à luz o menino, ou de alguém enfermo.

Nos folguedos populares, exceção talvez feita ao bumba-meu-boi, em todos persiste a invocação de santos, e o temor ao castigo dos céus ou de Deus – que vem dar na mesma coisa – é sempre posto em destaque.

*Sou cativa de Jesus  
Fui batizada em Belém  
Quem quiser viver feliz  
Faça o que eu fiz também.*

Na cena da tomada da rainha, do “Quilombo de Juazeiro do Norte”, há essa passagem:

*Pode vim quando quiser  
Que cá estou preparado  
Não sou guerreiro assombrado  
Que anda morrendo em pé  
Sou discípulo de Noé  
Tenho Embaixador a meu lado*

*As 44 linhas  
É uma décima bem glosada  
Uma posição bem dada  
Como eu faço as minhas  
Que estas nossas cabecinhas  
São obras do Onipotente  
Quero ver falar contente  
Em toda nossa beleza  
É linda por natureza  
As 44 linhas!”*

No Auto dos Congos, anotado por Gustavo Barroso (*In* “Ao Som da Viola”, 1949, pág. 181):

O Secretário:

*Minha Virgem do Rosário  
Cantemos vossos louvores (bis)  
Os anjos cantam no céu  
E na terra os pecadores!*

Se o inverno tarda, o sertanejo atribui a fatalidade, que se aproxima à seca, aos seus pecados e aos pecados dos que integram a sua coletividade. Em Juazeiro do Norte houve tempo em que o povo se organizava em procissões, invocando a proteção divina, para que chovesse, enquanto alguns gritavam, choravam, outros se martirizavam em autoflagelação.

A Dança de São Gonçalo, que já foi mais difundida no “hinterland” nordestino, é também uma das manifestações populares junto a um santo de devoção – São Gonçalo, no caso –, para que patrocine um bom inverno e o sertão volte a ter fartura. São várias jornadas de conformidade com o que se pede ao santo.

*Se São Gonçalo soubesse  
O que minh'alma mais deseja  
As portas do céu aberta  
E as portas da igreja.*

*Em cima daquela mesa  
Tem duas velas acesas  
Uma é pra São Gonçalo  
E a outra de Santa Teresa*

O mês de junho, considerado o mês dos santos, pelo prestígio daqueles que mais se entranharam na memória e na querença do povo, reúne versos e orações onde está suficiente demonstrado o temor a Deus, o respeito aos santos e aos céus. Santo Antônio, por exemplo, não é apenas o protetor das boas virtudes, mas o que há-de procurar ou apontar um noivo para a moça casamenteira. Aliás, o aproveitamento do santo faz-se ao máximo, e isso não é novidade, pois o mesmo já ocorre em Portugal, senão vejamos o que nos diz o folclorista Luis Chaves, autor do livro “Folclore Religioso”: “A serventia do Santo, para tudo que lembre aos homens, levou-o a presidir aos atos comerciais, legítimos e ilegítimos, dos seus patrocinandos; nesta utilização da boa vontade atribuída ao Santo, como sol de eterna dura, o homem associa a si o poder sobrenatural do patrono, e não compreende quanto há de deslocado e invertido na ordem dos valores espirituais. Este pragmatismo, tão comezinhamente utilitário, já o encontramos com o mesmo conceito nas estatuetas de Mercúrio, dentro de nichos, nas lojas comerciais dos Romanos.”

Refletindo o ambiente em que se desenvolve, admitamos, com certo exagero essa religiosidade, os cantadores que percorrem os sertões não deixam de se impressionar com as figuras da corte celestial, sendo raros os que não ligam para as citações divinas. O verdadeiro cantador, na acepção da palavra, deve ser antes de mais nada um homem temente a Deus, porque sem essa qualidade o demônio se meterá em sua cantoria e, a todo momento, estará levando-o a vergonhosas traições da memória.

No desafio hipotético de um Negro (que seria o demônio) com o cantador Manuel Riachão, narrada por José Bernardo da Silva, podemos ler essas sextilhas que se seguem:

Riachão : *Não quero saber de ti  
Porque tu és traidor  
desobedeceste a Deus  
sendo ele o criador  
fizeste a traição a ele  
quanto mais a um pecador.*

Negro: *Riachão amas a Deus  
Sendo mal recompensado  
Deus fez de Paulo um Monarca  
De Pedro um simples soldado  
faz um com tanta saúde  
outro cego e aleijado.*

Riachão: *Se Deus fez Paulo um rei  
porque Paulo merecia  
Se fez de Pedro um soldado  
era o que Pedro cabia  
se não fosse necessário  
o grande Deus não fazia.*

Na peleja de João de Lima com um cantador da Bahia (e por acaso é esse o título do folheto anônimo editado pela Folhetaria Santa Luzia do Norte) o menestrel do recôncavo baiano, José Pacheco, aceitando a sugestão de seu contendor, para mudar o desafio em um martelo a galope, propõe cantarem “sobre os dados que se ler no Testamento: a morte de Jesus Cristo, desde o seu nascimento”:

Lima: *“Permitido por Deus casou Maria  
Com José, um varão reto e honrado  
Porém antes de terem se ajuntado  
Gravidez em seu corpo ela sentia*

E José defamala não queria  
Por ser justo e bondoso coração  
Projetou de fazer-lhe deixação  
Mas um anjo por sonho lhe avisou  
Lhe dizendo: José, Deus me mandou  
Te dizer que não faças esta ação”.

Pacheco: “Não desprezas Maria que é pura  
Quanto a lua que brilha e reluz  
Surgirá de seu ventre o bom Jesus  
A mais santa e sublime criatura  
O eterno lhe orna de candura  
Está cheia de graça e perfeição  
A divina potência pôs-lhe a mão  
Entre todas as mulheres a escolher  
Para um fruto bendito conceber  
Pois é digno de esta conceição”.

O cantador José Gustavo que cantou com Maria Rouxinha, da Bahia, no final do seu desafio, escreveu o seguinte acróstico:

G – Grande Deus ouve eu ti digo  
U – Um espírito de maldade  
S – Semeou em todo mundo  
T – *Toda sua malindade*  
A – *A treva enundou a luz*  
V – *Vem logo ou manda Jesus*  
O – *Ouve a humanidade*

Um dos desafios mais conhecidos em todo o sertão é o do Preto Limão com Bernardo Nogueira. Existem vários folhetos com os versos dessa porfia que fez época no sertão. E,

mais uma vez, é demonstrada, na exuberância do improviso dos cantadores, o desprezo em que é atirado os que não acreditam em Deus. Vejamos o que diz o cantador Bernardo Nogueira:

B: *E “Este homem já vive desvalido  
É descrente de Deus e da igreja  
Lucifer no teu rasto já festeja  
Tu só podes viveres sucumbido  
És tão ruim que só andas escondido  
Para Deus nunca mais serás fiel  
tua raça é descendente de Lusbél  
e que do céu já perdeste a preferência  
e farás tua eterna convivência,  
lá embaixo dos pés de São Miguel”.*

Livros como “Missões Abreviadas” e “Lunário Perpétuo” vão-se tornando raros no sertão. “Missões Abreviadas” – informa-nos Joaquim Alves – “livro piedoso que constituiu o breviário do sertanejo por muitas décadas, contava fatos extraordinários, de castigos, em vida, de penas, de sofrimentos dos que transgrediam a Lei Divina”, já não existe. E, na ausência dele e do “Lunário Perpétuo” (ainda editado em Portugal, mas pouco conhecido hoje em dia), cabe ao cantador difundir as idéias e princípios que ensinam essas obras. Daí por que em quase todos os desafios há sempre as inevitáveis, mas necessárias, citações de santos e da vida de Jesus.

O que escrevemos até aqui sobre o assunto é pálida tentativa de estudo de um tema do nosso folclore religioso que está a exigir o trabalho de um pesquisador mais profundo.

## **O caju - tema folclórico**

**E**m outubro estão floridos os cajueiros. Alguns principiam a oferecer-nos os frutos sazonados. E não é para menos. As chamadas “chuvas do caju” que se precipitam sobre os campos do Nordeste, desde os fins de agosto até meados de outubro – também denominadas “chuvas de rama” –, as vezes ultrapassam os limites da tradição, resultando algumas precipitações pluviáteis consideráveis. Na cidade, a chegada da safra do caju é uma alegria para o pobre; um regalo para o homem que aprecia tomar um aperitivo e já elegeu, há muito, o succulento fruto de apreciáveis reservas de vitamina “C” para seu “tira-gosto” preferencial.

Os nordestinos, principalmente os cearenses, não tomam aguardente ou outra bebida sem que não se sirvam do “tira-gosto”, que sempre a fruta regional, no período da safra, ou cédea de queijo, naco de carne assada, etc. De tantos “tira-gostos” que a fantasia dos bebedores excita e descobre, nenhum se compara ao caju cortado e servido aos pedaços, em prato fundo, apanhado pelos degustantes, higienicamente espetados em palitos. Mulher grávida, no sertão, não esquece os conselhos dos mais velhos de que “mulher que pega menino” na safra do caju “não passa miséria”, isto é, tem sempre vigor, força para atravessar galhardamente os incômodos que lhe exige a situação.

Se é verdade que já não se observam na capital, com mais freqüência, grupos de crianças contando castanhas de caju, ou delas se utilizando para diversas brincadeiras de sua risonha existência, persistem, ainda, no “hinterland”, todos os admiráveis passatempos que foram incluídos na infância de quantos, como nós, tiveram seus dias mais distantes vividos em contato direto com o meio rural.

Tempo de caju, é tempo de menino jogar “pé-de-castelo”. A castanha maior que encontra, a mais bonita por certo, é colocada em pé, encostada a uma parede, enquanto pela frente, a uma distância de três a quatro metros, quatro ou cinco meninos ficam atirando castanhas rasteiras, ao impulso do dedo indicador que funciona, com o auxílio do seu homônimo da outra mão, como besta, em tiros que devem alcançar a castanha e desencastelá-la.

As diversas castanhas assim jogadas ao impulso do dedo deslizam pelo cimento da calçada e vão-se amontoar nas proximidades do “pé-de-castelo”. Se por ventura alguém do bando que se diverte consegue atingi-la, terá por recompensa todas as castanhas que restaram inúteis, sem atingir o alvo, perto da parede.

Para o exercício do jogo é necessário, muitas vezes, uma escolha judiciosa e técnica de determinadas castanhas. Evidentemente, nem todas se prestam ao brinqueado, sendo preferíveis as mais delgadas, que têm essa qualidade física apurada pelo atrito a que são submetidas, de propósito, em cimento carrasquento. Outros, no afã de obterem melhores resultados, levam suas castanhas ao sol, repetidas vezes, conseguindo com tal expediente que percam parte do óleo que contêm, tornando-as fáceis ao manejo.

No sertão, portanto, e muito em raro, já em cidades como Fortaleza, o “pé-de-castelo” é novamente prática retomada à infância, de geração a geração. Quando vier o desfastio

pelo divertimento – e isso sempre ocorre depois de dois ou três meses – as castanhas são assadas, (utilizam, geralmente, uma banda de folha de zinco sobre um tripé onde é improvisado violento fogo alimentado por paus e papéis velhos), é bem possível que restem alguns meninos doentes que assim estarão pagando pelo excesso das amêndoas deglutidas.

A época do caju é, sem dúvida, de muita importância na vida da comunidade. Todos, sem distinção, procuram seus frutos: as donas de casa mais diligentes fazem gostoso “mocororó”, caldo que se obtém de frutos escolhidos e que pela introdução da cola perdem certa substância, os taninos, que isentam a bebida de qualquer gosto amargo. Surgem, então, as cajuinas, excelente bebida produzida por esse caldo, mas já obedecendo a outros requisitos fabris, pois são filtradas e pasteurizadas. Completando as refeições, o caju como que desperta o apetite, sendo aconselhado o seu uso, pelo gosto que produz, cortado e servido de mistura com o feijão.

Fugindo dessa influência puramente gastronômica, o caju avança e penetra, com sua decisiva participação, na linguagem do povo, em sua medicina, em suas modas, em seus repentes, enriquecendo ainda mais o folclore nordestino. A castanha de caju, já anotáramos em nosso “Medicina Popular” (Edição da Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil), aberta ao meio, atada sobre a “vermelha” (erisipela), é remédio usado no Cariri. Chá de castanha de caju, queimada, faz desaparecer a enxaqueca mais persistente. A castanha é simpatia adotada pelo povo contra determinadas enfermidades, devendo os enfermos conduzi-la, sempre que possível, no bolso da calça.

Na ordem das adivinhações não é rara a contribuição da castanha ou do próprio caju. É adivinha generalizada em todo o Nordeste a que se segue:

“Qual é a fruta que tem a semente por fora?”

E as cantigas? as trovas em que se sente a querença do homem do campo pela árvore amiga? Théo Brandão, que nos deu um excelente repertório dessa inspiração popular, recolheu os seguintes versos alusivos ao cajueiro:

*“Cajueiro, abaixa a galha,  
Deixa o meu gado passar;  
Meu gado já vem cansado  
Do Sertão do Ceará”.*

E a trova popular que inspirou o bardo Juvenal Galeno? Não há quem não tenha, nessa jornada de outubro para novembro, vontade de declamar os versos tão simples e tão puros do “Cajueiro Pequenino”:

*“Cajueiro pequenino,  
Carregadinho de flor  
Eu também sou pequenino  
Carregadinho de amor”.*

O tema do caju, envolvendo o cajueiro, a castanha, cada vez se entranha mais no sentimento popular. Já se diz de alguém que nos desilude: “É tal e qual certos caju: no começo, doces; depois, deixam na boca da gente um ranço que incomoda...” Há estas observações bem judiciosas: “Ah, fulano é um cajueiro! Tem dinheiro a valer, mas, quando a gente pede, ele tem sempre uma desculpa. É uma *rezina danada!*” Coisas que de repente surgem ao meio do nosso caminho, como dádiva, são, via de regra, recebidas pelo sertanejo com certa desconfiança, o que faz reeditar aquele velho conceito:

“Esmola grande o pobre desconfia”. Realmente, caju em beira de estrada, ainda no pé, é sinal de que é azedo. Se

fossem doces, bons, já teriam sido comidos. O tempo realiza todos os fins de ano a revitalização do caju como tema folclórico. E isto, em parte, porque nascemos e crescemos à lembrança daqueles versos populares que nos falam de um “cajueiro pequenino, carregadinho de flor”, como repetimos há pouco, tão delicados e tão profundamente familiares. Juvenal Galeno soube aproveitar, com o requinte de seus dons poéticos, a inspiração do povo de sua terra, incorporando esses versos, com o sabor de seu estilo, ao nosso patrimônio literário:

*“Tu és um sonho querido  
De minha vida infantil  
Desde esse dia... me lembro...  
Era uma aurora d’abril,  
Por entre verdes ervinhas  
Nasceste todo gentil  
Cajueiro pequenino  
Meu lindo sonho infantil”.*

Nascemos, já dissemos, e crescemos principalmente sentindo os temas que o caju e o cajueiro nos inspiram. Ora, são os frutos amarelos ou vermelhos apregoados em anúncios preguiçosos pelas ruas da cidade, ora as castanhas sendo assadas, ante o olhar guloso das crianças e até dos adultos, deixando no mundo todo um cheiro ativo que aguça o apetite. Somente isso? Cajueiro e caju incorporam-se de tal modo à nossa vida, que deles não pudemos prescindir em nossos momentos de prazer. Se vamos ao banho, e se o banho é de rio em localidade mesmo próxima à capital, há de aparecer o fruto recortado em rodela, para o acompanhamento mais sábio que se conhece e mais a gosto da aguardente. Se as mulheres se encaminham à maternidade, não faltará a elas

uma boa penca de caju, fruto aconselhado por médicos e curandeiros para abrir o apetite e fixar no organismo, por ser abonado dela, a indispensável vitamina C.

Em longo artigo escrito no “O Ceará” (de Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, 2a. edição, Editora Fortaleza, 1945), autor que não assina o nome comunica-nos ter-lhe dito o escritor Renato Braga ser costume dos antigos soltarem os escravos “quando doentes de ascite, feridas e febres, nos cajueiros para fazerem as suas curas de caju, com sinais evidentes de melhora”. Não sabemos se ainda hoje, para enfermidades semelhantes, é válida essa prática terapêutica. Entretanto, não desapareceu o poder medicinal da apreciada fruta, como vimos linhas atrás.

A idéia de que o cajueiro poderia transformar-se em tema para excelente livro deve ter acudido a muita gente, mas, persistente, estudioso e sobretudo interessante em assuntos de nossa geobotânica, foi o sr. Mauro Mota o desbravador do assunto, dando-nos, agora, em outra edição, o seu passeio sentimental, que como certas viagens de turismo tem um título que é convite simples, mas incisivo: “O Cajueiro Nordestino”.

O bem lançado volume é uma edição do Ministério da Educação e Cultura, na fase decisiva de José Simeão Leal, homem de cultura cuja simpatia alcança até mesmo os que ainda não experimentaram o calor de sua amizade nem o toque de seu estímulo literário. O livro que temos em mãos, vencida uma primeira leitura, a toque de caixa, integra a coleção “Vida Brasileira”, e é o último volume publicado numa relação de seis, em que avultam trabalhos de Luís da Câmara Cascudo, Manuel Diégues Júnior e outros.

O sumário da obra está representado em quinze capítulos em que o leitor encontrará a história do cajueiro entre os indígenas, os seus primeiros vagidos, a sua peregrinação de

ordem geográfica; a castanha, a descoberta de suas utilidades, o “cajueiro entre os flamengos”, na conversa fácil e saborosa do povo, e, finalmente, o que atesta o trabalho do pesquisador, a sua dedicação, extensa bibliografia que se encerra com cento e cinquenta livros e folhetos consultados.

Ao analisar o problema da devastação – não apenas de sua superfície geográfica, mas de todo o País – o escritor pernambucano atinge-o em cheio. “No Nordeste, a mata costeira não foi só banida com a tomada do terreno pela cana. A cana teria de consumi-la em extensões consideráveis na fase de sua transformação nos “bangüês” e muito mais nas usinas. Às bocas das usinas de açúcar, as maiores e mais devorantes, outras se juntaram cheias de apetite na refeição arbórea contínua. Bocas de outras fábricas têxteis, principalmente, de locomotivas, de fogões domésticos. A penetração dos trilhos ferroviários no interior do Nordeste representou uma obra civilizadora, construída sobre derrubadas e fogueiras.”

A descrição é simples mas envolve grande verdade. Infelizmente, no Nordeste, ninguém respeita uma árvore nem mesmo o velho cajueiro que, como já vimos, está cada vez mais ligado à nossa existência. Se existe uma dessas árvores em meio a um roçado, não será poupada na hora da derrubada, mas, como milagre, vão aparecendo, multiplicando-se mais cajueiros em quase toda região, principalmente agora com a campanha do plantio do cajueiro chamado de “seis meses”.

Existem, necessariamente, os cajueiros e os cajuas para que sejam sempre repetidos os bonitos versos populares – “Cajueiro pequenino, carregadinho de flor – À sombra das tuas flores – Venho cantar meu amor” –, para que as mulheres prenes alimentem-se de suas vitaminas, assim como os doentes de asma recorrem aos chás obtidos de suas folhas. Existem, repetimos, para que a infância continue rica de entretenimentos, divertindo-se à vontade com os jogos do

“pé-de-castelo”, “soldadinhos”, do “buraco”, do “pé-de-parede”, etc.

E existem, finalmente, para que escritores conscienciosos, apreciadores do belo e do útil, possam legar à posteridade, no traço firme de sua pena, mensagens de elogio, de louvação, como é esta que nos dá, agora, em magnífica apresentação, o escritor Mauro Mota.

## **Heróis e valentes no conceito do povo**

**A**o reunirmos subsídios para um estudo mais detido sobre frases injuriosas usuais em desafios populares, e, ao mesmo tempo, na tentativa de fazermos um levantamento da fanfarronice dos nossos cantadores, reforçamos a idéia de que a classificação de valente não corresponde à de herói no linguajar popular – salvo uma ou outra exceção – e que os homens considerados valentões são, via de regra, desprezíveis tipos que não obtêm as simpatias do sertanejo.

Não será em espaço tão restrito que se pretenda discorrer sobre o assunto, dando-o, logo, por resolvido. A verdade é que essa atitude de julgamento de caracteres parece aos que estudam o comportamento do nosso homem do campo uma defesa muito natural do clã sertanejo no desejo de livrar-se dos malfeitores, à imitação do que ocorria nos pequenos grupos primitivos que, segundo William Graham Sumner, orientavam-se sob o espírito de preservação e de lutas com a formação dos “nosso grupo” e “grupo de fora”.

O valentão, ou simplesmente o valente, parece ao sertanejo um perigo para o seu grupo social. Não alcança aquelas qualidades que elevam o homem à situação de herói, de exemplo à comunidade. E nem poderia ser de outra maneira: herói é o astucioso, homem que sabe vencer a outros pelas artimanhas, tal e qual o Krisma, “herói astuto e

habilidoso, que sabe fazer o que fazer para sair de uma dificuldade ou para realizar um propósito”, figura central da literatura épica. Ainda o citado William Graham Sumner, além de outros exemplos, apresenta-nos o de Ulisses, de quem os gregos “admiravam os estratagemas engenhosos e bem sucedidos”.

O valente, no entender do rurícola, não é aquele que consideramos destemido, homem disposto a enfrentar situações difíceis, sem temer nem a própria morte. Muito ao contrário: é um tipo malandro, assaltante de estrada, briguento, que para demonstrar coragem é capaz de ofender a honra da filha de um amigo, de cometer, nesta mesma pauta de indignidades, os crimes mais censuráveis.

A “Cantiga do Vilela”, fornecida pelo cego Sinfrônio, ao foiclorista Leonardo Mota, (Cantadores, Editora A NOITE, págs. 31, 32 e seguintes) apresenta-nos um autêntico valente dentro do conceito que o povo pobre do “hinterland” cearense aprendeu a julgar os desordeiros:

*“Meu povo, preste atenção  
Ao que agora vou contá  
De um homem muito valente  
Que morava num lugá  
E até o próprio gunvêrno  
Tinha medo de o cercá.*

*Vilela era natural  
Do sertão pernambucano  
E ele, desde o princípio,  
Que tinha o gênio tirano:  
Comete o primeiro crime  
Com a idade de dez ano.*

*Com doze ano de idade,  
Numa vespa de S. João  
Vilela mais o seu mano  
Tivero uma altercação:  
Só por causa dum cachimbo  
Vilela mata o irmão”.*

No romanceiro popular o valente, quase sempre, não é o tipo decidido, possível de ser enquadrado nesta definição que nos oferece o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, organizado por Francisco da Silveira Bueno: “que tem valor, que tem força; intrépido; enérgico; rijo; resistente; s.m. homem esforçado ou corajoso; paladino; campeão;”. Valente, pelo menos e o que se depreende da maioria dos versos populares, é homem provocador, sem moral, assassino frio, sórdido, que na hora de enfrentar um caboclo decidido entrega-se a ele, pedindo-lhe demência ou tenta fugir de qualquer maneira. Na peleja de João Atayde com José Ferreira Lima, há os seguintes versos alusivos a valentes:

*“Colega de que lhe serve  
Tanta soberba e orgulho  
o comum dos valentes  
Que apreciam barulho  
Fugir sem saber para onde  
Vê o perigo, se esconde  
E os outros vão no embrulho.*

*Colega não sou valente  
Não fujo nem me escondo  
Porém sou como trovão  
Se relampeja eu estrondo  
O colega não dê crença  
Como há gente que inda pensa  
Que o mundo não é redondo”.*

Uma das maiores satisfações de cantador é contar lorotas para crescer aos olhos dos presentes, demonstrando a capacidade que tem de mover céus e terra, de destruir os que se apresentam com a legenda de valente. Há sempre referências nas cantorias, principalmente em desafios, ao homem valente, não desejando nenhum cantador ser classificado como tal, o que seria deslouro perante a assistência.

No desafio de João Atayde com Mota Júnior, o último disse as décimas que seguem, com as bravatas normais:

M – *“Pelo que conheço  
Não temo embaraço  
Aquilo que faço,  
Nunca mais esqueço  
Ando sem tropeço  
Nada me atrai  
Não conheço pai  
Para palhaçada  
Na minha jornada  
Comigo não vai”.*

Em resposta, João Atayde, mais uma vez, referiu-se ao valente logo no início de suas décimas, com esta veemência:

A – *“Se eu fizer careta  
Todo mundo corre,  
O valente morre  
Com a cara preta ...”*

Raimundo Pelado, rebatendo os ataques e as bravatas do cantador João Atayde, em peleja famosa, foi claro em seu julgamento a respeito de valentão:

P – *“Não há ninguém valentão  
quando conhece o perigo  
agora está sucedendo  
do mesmo jeito consigo  
se acaba doido e maluco  
cantador de Pernambuco  
que vem discutir comigo”.*

Mais adiante, já quando a peleja se encaminhava em animado martelo, o mesmo Raimundo Pelado assim se manifestou:

*“De que serve o senhor se pabular  
que só conta grande valentia  
já mostraste a tua covardia  
e vai correndo com medo de apanhar  
se fugires eu corro até pegar  
a minha volta ninguém se livra dela  
com uma mão no peito e outra na guela  
mas se o bruto salvar-se desta vez  
eu pego ele, tranco no xadrez  
e o Pelado servirá de sentinela”.*

A paremiologia cabocla é bastante expressiva a esse respeito. Luis da Câmara Cascudo in “Vaqueiros e Cantadores”, referindo-se ao adagiário pertinente a negros e “cabras” (mestiços), anotou: “Negro só é valente atrás de pau”, “Cabra valente não tem semente”, “Valentia de cabra é matar aleijado”.

Diz-se em conversa: “Lugar de valentão é cemitério”, isto é, porque há uma frase que vive na boca do povo que considera cadeia lugar próprio para homem. Daí escutar-se: “Cadeia foi feito pra homem”. Homem é, portanto, toda criatura destemida, capacitado a fazer valer os seus direitos. Por

isso é que, no entender do sertanejo, não se registra nenhum desdouro em ser um homem aprisionado, desde que a pena assim imposta tenha sido provocada por atitude de coragem e disposição em defesa de seus princípios.

Valentes e valentões acabam no cemitério, e já dizia um cantador que “nunca viu rua de valentões”. Tipo socialmente à margem das coletividades rurais, encontra de rijo a antipatia do povo que se manifesta em seus versos, em sua paremiologia, nas conversas, contra os desordeiros.

Joaquim Batista de Sena, autor de “Os amores de Chiquinha e as bravuras de Apolinário”, abre o seu modesto folheto com estas duas sextilhas que sublinham as qualidades físicas e de espírito que fazem um homem de bem:

*“Bravura, força e coragem,  
gênio, nobreza e ação,  
destreza e velocidade  
briosa disposição  
é dote que Jesus Cristo  
não dá a todo cristão.*

*Mas sempre tem se encontrado  
homem muito valoroso  
que defende a sua honra  
no ato mais perigoso  
e enfrenta peito a peito  
um batalhão de medroso”.*



Nós, os citadinos, de uma maneira geral, erramos quando teimamos classificar os cangaceiros como valentes, partin-

do do princípio de que a qualidade de ser valente é a que mais agrada ao sertanejo. É um erro. O cangaceiro pode ser corajoso, e entre corajoso e valente, principalmente se levarmos em consideração o que já vimos anteriormente, há toda uma classificação social a percorrer. O homem corajoso é um homem de brios, de vergonha – “aquele cabra tem a vergonha na cara”, como diz o sertanejo – que se transforma em cangaceiro quando a Justiça falha, quando o “coronel”, em geral o chefe do clã político da localidade, deseja que o caboclo simplório, mas decidido, presta-lhe um favor, eliminando um inimigo perigoso etc. Os bandidos do Nordeste recebem as mais diversas classificações – e as mais designativas reuniu-as o professor Abelardo F. Montenegro in “História do Cangaceirismo no Ceará”, mas em nenhuma delas se cogitou figurar o valentão, o arruaceiro que difere do bando de grupos organizados – do cangaço, naturalmente –, e que tem contribuído com uma legenda de fatos infamantes para a história social do “hinterland”.

Francisco Sales Arêda, poeta popular, ao escrever a história do “Verdadeiro encontro de Antônio Cobra Choca com o Sertanejo Valente”, já em décima nona edição, contribuiu para auxiliar-nos nessa tentativa de conceituação de valentões e heróis dos sertões. Logo à página dois, depois de apresentar as características físicas e morais de ambos os personagens, dá-nos a idéia de um tipo, o do topador de valentão, no caso Antônio Cobra Choca, herói da história:

*“Deixamos o coronel  
no engenho Lageirão  
e o valente Zé Mendonça  
pelas zonas do sertão  
falamos em Cobra-Choca  
topador de valentão”.*

O topador de valentão é homem que não admite injustiça, e tem a coragem suficiente para desafiar valentes da marca do sertanejo Zé Mendonça, tipo reconhecidamente perigoso. Coronel Piancó – que deve representar a figura influente na hierarquia do clã sertanejo, deu-lhe notícias do atrevido Zé Mendonça, o que bastou para ele perguntar: “Onde está esse bandido”? Tendo ciência do esconderijo do valentão, – “lá nos confins do estado, do famoso Pernambuco, terra de cabra afamado” – Cobra Choca foi dizendo:

*“Isso de fama é besteira  
Quem é brabo também morre  
Se o senhor quiser eu vou  
Buscá-lo e ele não corre  
Caso ele com a nêga  
Só Jesus Cristo socorre*

Armado de facão, de posse de um rifle, punhal e cartucheira, o nosso herói viajou duas semanas até chegar à localidade onde estaria o arruaceiro. Em lá chegando – era um dia de feira – os habitantes do lugar estavam a fazer compras, alguns conversando com amigos, outros à procura de notícias da capital, etc.

*“Quem é que conhece aqui  
O Zé Mendonça falado?  
Cabra brabo pra mulher  
e pra homem desarmado  
Devedor da honra alheia  
Ladrão, cretino e safado?*

*Nessa voz de Cobra Choca  
Pulou um cabra de lado*

*E disse: quem é você?  
Que chegou tão assanhado  
O Zé Mendonça sou eu,  
Seu covarde vil sambado.  
Se deseja alguma coisa  
Boa ou má, bonita ou feia,  
Se prepare e venha a mim,  
Não seja cabra de peia  
Pra chegar esculhambando  
Nas portas da casa albeia.*

*Cobra Choca respondeu-lhe  
– com você não quero troca  
e saiba que está pegado  
Com Antônio Cobra Choca  
Macho bamba de Teixeira  
Do Sitio Pororoca.*

*Num vim aqui a Buique  
Visitar o seu sertão  
Vim buscá-lo preso ou morto  
Pro Engenho Lageirão  
Pra casar com a negrinha  
Sujeito sem coração”.*

Sacando de seus punhais os dois homens atracam-se numa luta terrível. Cobra Choca, já se vê, encarnando a figura do herói, do homem destemido que procura fazer justiça com as próprias mãos – o que é de agrado do sertanejo – lança-se ao valentão com toda a sua astúcia e força, castigando-o por ter, no engenho do “coronel”, desonrado uma donzela, pobre negrinha indefesa. No desenrolar da porfia e em toda a descrição da história há sempre à reincidência de

referências desprimorosas aos valentões, ali representados por Zé Mendonça.

Repetem-se os versos nesse sentido:

– *“Mas sei que você é falso  
manhoso e muito atrevido!”*

– *“Ninguém foi por Zé Mendonça  
por que ele era insolente”.*

– *“Vim buscá-lo preso ou morto  
pro Engenho Lageirão  
pra casar com a negrinha,  
sujeito sem coração”.*

– *“Aquele safado agora  
vai descansar muita gente”, etc., etc.*

Vencido, é o valentão conduzido à presença do coronel Piancó, que, incontinenti, manda chamar um padre para officiar o casamento do bandido com a negrinha enganada:

*“Piancó e Cobra Choca  
naquele mesmo momento  
mandaram ver o juiz  
pra fazer o sacramento  
trouxeram a negra e o padre  
e foi feito o casamento.*

*Zé Mendonça disse agora  
já que casei vou viver  
o coronel disse então  
trabalhe pra proceder*

*porque se der certo mesmo  
tenho com que lhe proteger.*

*E entregou logo a ele  
o engenho da Taboca  
Zé Mendonça foi viver  
com sua negra Maroca  
porém jurando vingar-se  
de Antônio Cobra Choca”.*

O verdadeiro valente, aquele em que se ajusta o conceito exato, está desempenhado por Zé Garcia, herói do sertão e que dá nome ao folheto “História do valente sertanejo Zé Garcia”. É ele mesmo quem se identifica:

*“– Eu não vivo de matar  
quando a sorte me obriga  
eu luto pra escapar!”*

É a história deliciosa de um homem do sertão que, de um momento para outro, vê-se na situação de abandonar o lar do pai, em virtude de uma infâmia que lhe é atribuída, marchando para o Piauí em procura de seu protetor, um tal capitão Feitosa, que recebe a carta de recomendação enviada pelo seu genitor. Em todos os versos Zé Garcia demonstra dignidade, coragem e sobranceira. Quando o pai o inquiriu sobre se devia ou não alguma coisa à honra da filha de Militão, disse José Garcia:

*“– A ela não devo nada  
eu nunca dei atenção  
aquela moça acanhada  
minha consciência é limpa  
muito desembaraçada”.*

As aventuras se sucedem. E Zé Garcia vence todos os obstáculos, ora casando-se com a moça que raptou, para mostrar que é honrado, ora abatendo os bandidos que o ameaçam em sua integridade física.

Significa ele, em última análise, o herói, personagem muito do agrado do nosso homem do campo, que, geralmente, mostra-se rancoroso e hostil aos chamados valentes e valentões que, sob sua interpretação, existem tão somente para fazer mal ao próximo.

**Dos repastos, da reima e de suas  
conseqüências**

**D**isse Napoleão – e deve ter dito com experiência própria: um exército vale pelo bom funcionamento do estômago de seus soldados. As palavras, decerto, não foram essas exatamente, mas o pensamento do grande “condotieri” está respeitado nesta citação que a memória sempre teimosa não quer acertar. A verdade é que não se pode conceber um exército de subalimentados, de soldados vencidos pelo esgotamento, sem as calorias de uma cozinha substancial.

Mas, não é da fome que desejamos falar. É da gula, da inquietadora qualidade inerente à espécie humana que os manuais de boas maneiras registram ou rotulam de gastronomia. E o gosto inquieto e exagerado pelos prazeres das refeições, dos vinhos (e ao vinho, inevitavelmente, teremos que acrescentar o sexo frágil) vem de muito longe. Há de se perder, consideramos nós, na primeira reunião de amigos e vizinhos numa gruta à comemoração de proveitosa caçada.

Os romanos foram mestres na arte de comer. Certamente, é fácil concordar com o leitor mais exigente, não tinham eles aquilo que compreendemos ser elegância refinada. Metiam as mãos à comida, a despeito da civilização que representavam; e a posição horizontal que adotavam – sobre sei pouco recomendável à deglutição – deveria atrapalhar a digestão de seus repastos freqüentemente tão suculentos. Infenso

a churrascos, aproveitando a proximidade do assunto, lembramo-lo aqui como uma revivescência dos banquetes romanos, aos quais se permitia ampla gula e incontrolável falta de educação, com a diferença, já se vê, imposta pelo tempo: o racionamento de carne, autodefesa dos organizadores de tais convescostes públicos.

O cearense, via de regra, não nasceu para ser enquadrado no conceito generoso de bom gastrônomo. Homem que não dispõe de boa água para suas refeições, sofre geralmente do fígado, e entre um repasto e outro mais violento, possivelmente mais gorduroso, há de se valer de toda a nossa farmacopéia indígena, graças a Deus, abundante. Mas, enquanto há mezinhas, vamos todos nós fazendo agradáveis incursões aos domínios da mesa farta. A verdade é que não somos muito exigentes, e nem poderemos ser, diante da nossa culinária cabocla, que exige estômagos fortes e resolutos. Mas podemos lembrar aqui, como entrada ao assunto, dois excelentes pratos regionais: o baião-de-dois, legítimo arroz com feijão verde e queijo, e pitu com arroz, ambos servidos, acompanhados com um cálice de superior aguardente de cana que desafia o fastio de qualquer um. A avoante assada ou simplesmente guisada estará enquadrada na série dos bons pratos que honram a mesa do mais exigente caçador.

Facilmente poderão observar os nossos leitores que os pratos nordestinos omitem as verduras. É uma pena. Mas, o que se fazer, se sertanejo não aprecia a alface, não gosta de agrião, beterraba, tomates, pimentão ou repolho? Esclarecendo o assunto, diz simplesmente: “Moço, homem como eu num come folha. Quem come mato é bicho”. Daí se alternarem os pratos, sem mudança digna de registro, servidos com pirão ou simplesmente acompanhados de arroz.

Mário de Andrade, admirável poeta e animador do movimento modernista brasileiro, apesar de sua úlcera no duo-

deno, foi incorrigível gastrônomo. A respeito dos pratos que mais apreciou, ao viajar pelo Brasil, escreveu um trabalho que é, realmente, preciosidade para os estudos da matéria. Relendo-o, outro dia, encontramos o seu “Tacacá com tucupi”, gostoso artigo escrito em 1939, no qual conta suas experiências na arte culinária nacional. Principia fazendo referências ao poeta Bialse Cendrars, que teria descoberto determinados requintes em nossa culinária: “Quem me chamou uma atenção mais pensamentosa para a cozinha brasileira foi, uns quinze anos atrás, o poeta Blaise Cendrars. Desde que teve conhecimento dos pratos nossos, ele passou a sustentar a tese de que o Brasil tinha cultura própria (ou melhor: teria, se quisesse...), pois que apresentava uma culinária completa e específica. A tese lhe vinha da experiência, e o poeta garantia que jamais topara povo possuindo cozinha nacional que não possuísse cultura própria também”.

A cozinha brasileira é excelente, pelo menos para um paladar não muito sofisticado. Temos o prazer de enumerar dezenas de pratos típicos que tivemos a oportunidade de deglutir – como dizem os que sabem comer com distinção – por esses Brasis, com agradáveis surpresas. No Amazonas, desde a pescadinha de água doce até o succulento Pato no tucupi, passando pelo violento pirarucu assado, com farinha, há outros pratos de sabor quase selvagem. Para falar a verdade, não nos pareceu ir muito bem o tacacá. Aquela goma líquida dentro de uma cuia, retendo entre ervas um camarão, não me apeteceu. E tomei-a na rua – permitam-me narrar essa aventura gastronômica – como gente do povo, pagando cinquenta centavos por uma cuia da preciosa alimentação. A tartaruga, bem, a tartaruga prescinde do nosso elogio. É prato apetitoso, capaz de representar um banquete pela sua decisiva qualidade. É de uma versatilidade a toda prova: é servida como filé – sempre deliciosa; assada, cozida, em forma de sarrabulho, etc.

Vale a pena, nessas considerações sobre culinária em que a nossa intromissão é evidente, citar mais uma vez o poeta Mário de Andrade: “As cozinhas francesas e inglesas podem comparecer como protótipos das duas orientações normativas da culinária. A inglesa se orienta pela idéia do Bem: mais simples, mais franca, buscando apenas variar pelos molhos a monotonia das suas bases. Até o uísque de após janta, mais digestivo e funerário, é um valor fácil como a maioria dos heróis shakespereanos, se o compararmos ao sabor montaigne de uma “fine”. A cozinha francesa se orienta francamente pela idéia do Belo. As bases alimentares quase desaparecem, sutilizadas, às vezes, em combinações de um inesperado miraculoso. Isso é invenção desnecessária, é arte, às vezes, do mais gratuito hedonismo”.

No entanto, a nossa cozinha não tem somente algumas qualidades francesas ou inglesas. Há de, forçosamente, possuir outras. Mário de Andrade morreu antes de sentir a influência do “ice-cream” e dos refrigerantes provocada pelos nort-americanos, gente que não tem cozinha específica e que se vale dos refinamentos técnicos e da complementar panqueca para cativar-nos, principalmente, pela visão. É o regime do doce, do açúcar polvilhado ou dissolvido nágua, dos bolos que escondem sua fatura sob confeitos superdesenhados.

A cozinha brasileira, um tanto amoldada à influência alheia, vai sendo servida à americana, à francesa, etc. Tem qualidades especiais que, apesar das influências prejudiciais, não se dispersam nunca. E quanto mais nossa a comida, isto é, mais detidamente regional, melhor sabor de ineditismo, de coisa pura, encontramos nela. Todos nós precisamos provar uma fritada de sururu em Alagoas, para ver como sabe bem. É igualmente necessário o turista nacional ir até Teresina, arrostar o calor, banhar-se na Socopo e comer a famosa gali-

nha da Júlia, rica de temperos caboclos e que vai bem com uma ou duas garrafas de cerveja, geladíssimas.

Na Paraíba podemos experimentar uma buchada de carneiro, prato de grande opulência, capaz de deixar o Senador Chateaubriand com inveja. É prato violentíssimo, ou, no dizer de Mário de Andrade, estabanado. Servido com aguardente, só mesmo poderá medir-se a ele em suntuosidade e violência a panelada. Não precisa de sobremesa. É necessário. no entanto, um sono forte, ferrado, desses que nos deixam incapacitados a qualquer reação. Acrescente-se: um sono forte e ferrado em rede branca do nordeste...



Não imaginamos que fossem tanto os gastrônomos incontroláveis, e que existissem, entre nós, em elevado número, capazes de saber apreciar os bons petiscos regionais. Após a publicação da primeira parte desse trabalho na imprensa local, fomos forçados a redescobrir o tema diante da persistência dos que reclamavam a odiosa omissão dos bons aperitivos, dos doces e de outros excelentes pratos que, involuntariamente, esquecemos de citar.

Encontramos até mesmo exaltado nativista, desses que enaltecem a violência da cozinha nortista, para exigir-nos um artigo completo sobre o que previamente denominou de “comidas brabas”, refeições – imagina-se logo – de caráter campestre, com todo aquele sabor do nosso “habitat”, no qual o conceito de alimentação estabanada jamais se desfigura. Difícil para nós, é forçoso confessar, voltar ao assunto e contentar aos reclamantes. E se em assim fazemos, eis a verdade, é por amor a determinados pratos que, imerecidamente, foram esquecidos naquela digressão culinária, enquanto outros, talvez até

mesmo inferiores, figuraram no artigo com requintes de uma sopa – permita-se o exemplo – de ninhos de andorinhas...

E o que exigem de nós, agora, é mais do que uma prova de conhecimento: é a anunciação de outros tantos pratos apetitosos, com o sacrifício da nossa gula, que, por esse ou aquele motivo de ordem funcional, ou de situação geográfica, já não pode voltar a experimentá-los. Ainda hoje lembramo-nos de um omelete de ovos de anum (CROTOPHAGA ANI Lin.) que tivemos o prazer de saborear nos idos da mocidade. Não acreditamos que a sopa de ninhos de andorinhas, da cozinha chinesa, que dizem comer-se num restaurante dos Três Lagos, sob receita de um tal Hangchow, ofereça paladar mais refinado.

À lista dos pratos esquecidos acrescentaríamos nesta revisão imposta pelos leitores (ou pelos seus estômagos?) a nossa popular feijoada (ah, considerem a carne seca a se desfiar de cozida, o toucinho se liquêfazendo...), o abará atormentador do fígado, o caruru feito com quiabos e temperado com cebola, coentro, pimenta e tanta coisa mais gostosa, sem esquecer os camarões ressequidos, e o já nacional vatapá que, nascendo na Bahia, é servido, vez por outra, como derivativo dos mais distintos em almoços e jantares de caráter sério.

Muita gente, ao ouvir falar em muçu (SYMBRANCHUS MARMORATUS), sente calafrios, exterioriza repugnância. Mas, vá lá, é excelente prato da cozinha cabocla. Acontece é que a arte de fazer boas comidas não foi ensinada a todos. Pouco adiantam as lições dos cursos de arte culinária de institutos, escolas, a quem não nasceu para aprender todos os segredos dos temperos nem a maravilhosa maneira de aplicá-los. Diz-se entre os sertanejos: “Fulana tem a mão maneira pra temperar...” Realmente, nem todo mundo sabe polvilhar o tempero na medida exata. O muçu, por exem-

plo, não deve ser fritado sem ter ido antes à panela em postas, para uma fervura demorada. Retirado ao fogo, depois dessa precaução, apanhará na frigideira inconfundível gosto, sem o abuso de sua enjoenta gordura.

E as paçocas? Quem já não as provou em viagem pelo alto sertão? Nada mais gostoso do que a mistura de farinha de mandioca com carne assada, às vezes, com banana, socada ao pilão. De todas, no entanto, a melhor que já experimentamos foi a de carne de avoante (ZENÁIDA AURICULATA VIRGATA BERTONI). Mas, embora não tenhamos comido, informam que passoca (ou paçoca) de carne de veado é realmente digna de ser servida em qualquer mesa. A carne do cervos, bem conhecemos, é seca, sem gordura, e de ótimo paladar.

Não precisamos dizer também que não somente os pratos mais populares mas outros de certo requinte foram esquecidos por nós. Aliás, é bem explicável que tal acontecesse, pois, ao escrevermos, não nos animava fazer um estudo tão longo, e, possivelmente, enfadonho, mas tão somente falar sem o tom de mestre, com humilde “soto voce”.

E os doces? Não se pode falar neles sem antes transcrever o mestre Gilberto Freyre: “Procuremos num esforço que talvez não resulte inteiramente em inutilidade valorizar a tradição da cozinha nordestina, hoje em perigo de vida. A velha cozinha pernambucana: a do pitu, a do peixe de coco, a dos bolos, dos doces de caju, araçá, goiaba. Não nos envergonhamos deles – peixes, bolos e doces, segundo receitas que nossos avós nos deixaram por escrito ou na tradição oral das famílias ou das velhas negras cozinheiras. Tampouco nos envergonhemos delas – as negras cozinheiras”. E acrescenta: “superiores a muitos “mestres-cucas” estrangeiros”. As nossas velhas doceiras são mestras no fabrico doméstico de doces e bolos. É sempre um prazer podermos saborear um doce de

leite caroçudo ou raspar a panela onde se preparou um doce de coco, a respeito do qual correm abusivas anedotas.

Viaja-se o Brasil inteiro, de norte a sul, de leste a oeste, e nos acontecem sempre agradáveis surpresas. Como sabem bem, por exemplo, o doce de bacuri ou de cupuaçu do Pará! Como é gostoso o tradicional arroz-doce com doce-de-leite que se vende à margem da estrada de ferro de Sobral, no Ceará! E o doce de buriti do Crato? E a cocada-puxa que se come na Cidade do Salvador?

Ainda ao poder evocativo da memória lembramo-nos dos vendedores populares de puxa-puxa da cidade de Fortaleza. À rua D. Teresa, há mais de vinte anos, existia uma negra que fazia deliciosas puxas que eram avidamente compradas tanto por crianças como por adultos. Hoje, apenas nas casas tradicionais ou no sertão, é que se costuma ainda fazer puxa-puxa. Mas vale a pena, na dificuldade de provar doce tão nosso, pelo menos rememorar-lo.

Na ordem dos aperitivos, impôs-se uma explicação: não existe requinte numa refeição, se faltar uma bebida das chamadas espirituosas. Não se pode conceber panelada sem a reconfortante aguardente, como é fora de propósitos servir-se peixe sem a companhia de vinho apropriado.

A Filosofia chinesa de moderação mais uma vez pode ser aproveitada por nós. “Não se deve estranhar, pois, que um festim de vinho dure duas horas. O fim não é comer nem beber, mas divertir-se e fazer bastante barulho. Por tal razão, quem meio bebe, melhor bebe, como o poeta Táo Yuaning que tocava música num instrumento sem cordas. Para o bebedor, o que importa é o sentimento”. Nós, os brasileiros, somos terrivelmente exagerados. Não é possível imaginar-se uma reunião campestre, entre nós, que não entre em cena a inevitável cerveja ou a aguardente. E se fossem as bebidas aqui servidas sob o princípio da temperança chinesa, que

nos ensina Lin Yutang, a coisa seria outra. E, já que se não pode dar jeito, é aceitar tudo nesse natural “status quo”. E dizer que é excelente a aguardente injetada no caju e sorvida, depois de um momento, como não é menor a classe da aguardente retirada de recipiente, no qual estiveram de molho algumas ameixas. Maracujá, açúcar e cachaça, eis outra fórmula muito elogiada pelos que apreciam os bons aperitivos. A meladinha – aguardente com mel de abelha e rodela de limão tem por função abrir o apetite e sabe bem, sendo melhor do que a mistura que se obtém também do vinho do jenipapo ou da jurubeba com cana.

Chiang Sing, em seu artigo “Introdução à cozinha chinesa”, conta que o imperador Yen Loh apreciava realizar torneios culinários entre os cortesãos. As receitas vencedoras eram aprovadas e certamente, dizemos nós, obrigatórias em todo o império. Dai, quem sabe! o famoso Pato de Pequim, a Sopa de Ninhos de Andorinhas, as Tâmaras Douradas, e tantos outros pratos que devem ser deliciosos mesmo através dos livros. Já é tempo de aparecer entre nós um novo Mecenas, não para distribuir prêmios literários – que já ninguém se interessa por eles – mas para premiar “gourmets” e “mestres-cuca” da cozinha nacional, tão debilitada à falta de maior estímulo.

Enquanto isso não acontece, continuamos a sofrer a influência da cozinha estrangeira, mesmo porque sem reeducação dos nossos estômagos de gente da cidade jamais poderemos suportar a violência dos pratos regionais, de um maneira geral, sempre pesados. A cozinha nortista guia-se pelo ideal da Sustança, pouco interessando o Belo e o Bom. Por isso é que a coalhada deve ser adoçada com rapadura, a umbuzada, feita com leite de curral, e as pamonhas, as canjicas, com muito leite de coco.

As receitas – tal como acontecia no Recife – continuam passando de geração a geração. Antigamente, toda dona de

casa possuía, em casa, um livro de receitas, espécie de caderneta com os ensinamentos e fórmulas de dezenas e dezenas de guloseimas. Hoje, com o lançamento de obras especializadas, já as donas de casa não precisam mais pedir receitas às amigas. As verdadeiras receitas, essas continuam sendo repetidas pelas negras de cozinha, gente que veio do interior e que, quando aprende a cozinhar, sabe, sempre, fazer pratos deliciosos. Não são bonitos, nem belos, poder-se-á dizer, mas são de encher o estômago pela impressão de sustança, de vigor...

As comidas no Nordeste, de um modo geral, dividem-se em duas classes distintas: reimosas e inocentes. Diz-se que é reimosa uma comida quando provoca distúrbios orgânicos, e inocente, quando não faz mal, podendo ser servida, indistintamente, a crianças e adultos. Certamente que existem muitos tabus alimentares, mas partindo-se do princípio de que “as proibições tabus carecem de todo fundamento lógico e são, portanto, de origem desconhecida” (vejam Josué de Castro, in “Fisiologia dos Tabus”), a posição assumida pelo sertanejo em face das refeições tidas e havidas por reimosas e inocentes filia-se a uma influência de Empédocles e seus seguidores, como por exemplo, Galeno e Avicena.

Para Empédocles, as enfermidades surgiam do desequilíbrio de quatro elementos sobre os quais repousava a vida: água, ar, terra e fogo, em luta contra os quatro humores que criavam a existência humana: o sangue, a fleuma, as bílis negra e amarela. Dessa desarmonia criava-se a matéria “morbo-sa” que, prejudicando a vida humana, gerava excretos que, por sua vez, iriam formar as doenças.

É evidente que assim como receitavam os antigos o ar das montanhas, as massagens, os exercícios, a água, como agentes terapêuticos, iam mais longe aconselhando os benefícios da natureza, entre os quais incluía as aves, os animais

e os frutos silvestres. Contra essa chamada matéria morbosa que sempre inquietou os antigos, Hipócrates cumpria e aconselhava uma terapêutica para eliminá-la, com o “empleo de los purgantes (elébora negro), enemas, vomitivos (elébora blanco), ventosas, sangrias, etc.”

A reima a que alude o nosso homem do campo não é outra coisa senão o humor a que se referiam igualmente os antigos seguidores da teoria esposada por Galeno. É, em última análise, fator misterioso que se esconde em determinados alimentos, prejudicando a quem os dirige. Ou porque sejam realmente fortes e indigestos ou porque sejam simplesmente coincidentes em provocar achaques em mais de uma pessoa, certas carnes, certas frutas tornam-se quase que proibitivas. Somente os mais corajosos é que não respeitam as recomendações das pessoas mais experimentadas que se manifestam da seguinte maneira:

– Isso é loucura! Você num sabe como isso (a comida) avexa o sangue?

– Não coma, não. Dá uma reima danada!

O “Lunário e Prognóstico Perpétuo”, de Jeronymo Cortez, diga-se de passagem, um dos livros mais citados, mais comentados por cantadores e pelos mais velhos do “hinterland”, responde por esse receio que o nosso caboclo ainda devota a certos alimentos. Há um capítulo especial nesse livro de Jeronymo Cortez onde estão reunidos conselhos e informações de terapêutica dos antigos. São arroladas, ali, as sentenças em favor da saúde, as indicações mais em uso, originárias de Avicena, Hipócrates, Almançor, Galeno, etc. “A carne de cabra, de bode, de lebre e de boi não é boa para conservar a saúde: porque, como diz Almançor, cap. de *Anima*, a tal carne gera humores grossos e o sangue melancólico”. Ainda no mesmo capítulo: “Isaac escreve (*in diaetis universalibus*) que as carnes de boi e bode são duras, *carre-*

*gadas* (o grifo é nosso) e de má digestão, e que criam humores melancólicos e pesados”.

Para o sertanejo, tudo que é reimoso e carregado”. E essa designação toma aspecto de tal importância em sua medicina que até mesmo nomeia as doenças venéreas de “carregação”. Foi “carregado” o alimento, já se sabe que é reimoso, provocará distúrbios no organismo, febres, etc.

Luís da Câmara Cascudo, in “Dicionário do Folclore Brasileiro”, ao definir reima (ou reuma) – transcreve os seguintes versos populares recolhidos por Leonardo Mota:

*“Maria Tebana, agora  
Digo uma graça contigo;  
A reima do bicho home  
Nasce da maçã do figo,  
A reima do bicho feme  
Eu sei, mas porém não digo...”*

É ponto pacífico que a reima ou reuma é algo que existe em determinadas coisas e que em contato com o organismo do homem provoca uma série de reações desagradáveis. E os apologistas da reima são tão exagerados que já incorporaram o termo para designar inclusive certas manifestações puramente temperamentais. Na linguagem popular quando se deseja, exageradamente, uma pessoa do sexo oposto, diz-se:

– Estou com uma “reima” danada por fulano!

Reima aí significa mais do que “doença”. É desejo, paixão que já se torna obsessão, em última instância, enfermidade. Daí surgir o combate à reima, ato que se representa no seguinte: a pessoa que tanto deseja a outrem, fecha a mão e pede a um amigo que faça o mesmo. Em ato contínuo, passam

ambos com violência uma mão pela outra, atritando-as nas falanges. Denomina-se essa terapêutica mágica: “tirar a reima”.

Adoece de reima quem desrespeita as proibições domésticas, comendo frutas como ata (a mais reimosa delas), murici, cajá, etc. Capote e pato representam os galináceos e palmípedos na classificação das aves reimosas. De um modo geral, quase toda a carne de caça tem reima, atribuída ao fato de ter morrido o animal de “morte matada”, o que deixa o sangue “preto”, agitado. Trafra, camurupim... e, principalmente, a curimatá representam os três peixes mais perigosos na formação de humores. Carne de porco é um veneno, não ficando atrás a carne de preá, de peba e de tatu. Quem, porventura, sofrer de alguma dermitose, não deverá comer caranguejos. Aos que estão convalescendo, não podem ser servidos pratos como os já referidos. Deverão fazer refeições “inocentes”: caldo de galinha, sopa, etc. E assim vai a sabedoria popular, influenciada diretamente pelo “Lunário Popular” e por outros propagadores da ciência médica antiga, instruindo e preparando os nossos irmãos sertanejos contra a terrível reima...

## **Magia e medicina popular**

*M*edicine, magie et sorcellerie” é um livro de Marc Leproux editado pela Presses Universitaires de France, com prefácio de Arnold Van Gennep, que nos abre mais horizontes sobre os estudos da medicina popular. Trata-se de uma contribuição ao folclore charentais (Angoumois, Anuis, Sainfonge) e oferece ao leitor centenas de informações sobre terapia popular, quase todas estribadas na experiência de anos e anos de estudos e pesquisas do autor.

Arnold Van Gennep, apresentando o sr. Marc Leproux, tem palavras, no prefácio da obra, bastante elogiosas, e que nos dão idéia do homem que se dispôs a colher tantas informações para oferecê-las em alentado volume. “Ce volume – diz o autor do prefácio – et l’on en dira autant des suivants – est une ceuvre de science, c’est-à-dire impartiale, dont les théoriciens pourront tirer parti en faveur de leurs propres opinions ou contre elles”. Destaca-se, e isso é evidente, o espírito de seriedade da pesquisa e o acatamento que trabalhos dessa natureza recebem por parte de cientistas categorizados.

A justificativa, para tudo que ali se pode ler, está como que consubstanciada na citação que o autor faz do foiclorista Van Gennep e que, em última análise, é a definição exata do espírito da medicina popular: “11 est difficile de séparer ces

deux ordres d'activité (magie et médecine populaire) – parce que la médecine populaire se distingue précisément de la médecine scientifique en ce qu'elle fait appel à des forces ou puissances immatérielles et non pas seulement à des réactions physico-chimiques, doinc aussi physiologiques”.

Sem magia, sem o cunho de mistério, de iniciação mágica, vamos dizer, não existe medicina popular. Observe-se que em quase todos os tratamentos populares há sempre a declarada manifestação do doente ou de alguém para se valer de forças imateriais, superiores ao domínio humano. Repontam em dezenas e dezenas de indicações terapêuticas inerentes ao povo características de magia.

Vejamos alguns exemplos: pessoas que sofrem de convulsões devem beber pelo menos uma colher de sumo de arruda e receber, logo em seguida, fricções de arruda, gergelim e jalapa, em cruz, isto é, aplicadas de início no braço direito, depois na perna esquerda, a seguir no braço esquerdo, na perna direita e assim por diante. Para quem sofre de sezão não há melhor tratamento do que ir ao mato, munido de um cordão de certo tamanho até encontrar uma árvore de tronco bem grosso. Avistando-a, deve o doente fazer a “amarração”, isto é, amarrar o tronco de uma árvore com o cordão, pronunciando a seguinte oração:

*“Ave-Maria!  
Eu te amarro pela virilha  
Cheia de graça  
Eu te amarro por baixo dos braços  
O senhor é convosco  
Eu te amarro pelo pescoço...”*

Nesses dois exemplos aqui citados – outros poderiam ser repetidos dentro dos mesmos limites – evidencia-se de

maneira irrefutável esta condição de magia que influencia a terapêutica do homem do povo, dessa gente que para recuperar a saúde em perigo não titubeia lançar mão de práticas infantis, destituídas de fundamento.

Principalmente nisso é que reside a grande diferença da medicina popular para a medicina científica. O caboclo, que vive distante da civilização e não sentiu ainda na esfera da coletividade em que gravita os efeitos de ensinamentos médicos bem dirigidos, desde cedo acostumou-se a vencer a morte, a salvar-se dos mais diversos perigos pela ação de certas palavras cabalísticas, de ensalmos que continuam sendo recitados de pai para filho, através de gerações e gerações.

Nesse estado de incultura, sem receber a contribuição de pessoas mais evoluídas, o homem é o mesmo, tanto no Ceará como na região de Saintongeaise ou de Angoumoisine. Marc Leproux, com a sua admirável obra, confirma tudo aquilo que, através dos anos, vimos repetindo para os nossos leitores, principalmente a quantos se interessam pelos estudos da nossa demopsicologia.

Em Confolentaise, por exemplo, “la mère prend le bonnet de l’enfant et le jette dans les flammes. Le mal doit disparaître en même temps que bonnet se consume”. Lá, como aqui, o mesmo costume. A diferença é que não jogamos ao fogo o chapéu da criança, mas se costuma queimar a roupa de quem morre, para que o mal não volte a dominar outra pessoa que habite o mesmo lar. O princípio de magia é idêntico, não difere. O fogo funciona como purificador, capaz de extinguir o mal, de fazer desaparecer a influência perniciosa dos maus espíritos.

Qualquer “comadre” (parteira) dos sertões cearenses sabe receitar, para a mulher que está custando a descansar, soprar na boca de uma garrafa. Há até quem aconselhe, na falta de uma garrafa, fechar as mãos, imitando um gargalo e soprar

pelo orifício assim feito. Quando se pensa que a prática é exclusiva da gente atrasada do Nordeste, eis que surge o Sr. Marc Leproux contando a mesma indicação médica, e em francês, o que torna a receita mais solene: “dans la région sam-tongaise, on faisait asseoir la malade sur son vase de nuit et elle soufflat bien fort dans une bouteille”.

Brasileiros e franceses não dispensam uma “soprada” na boca da garrafa. E não é somente nesta receita que os dois povos tomam determinados pontos de contatos. Em outras, e em muitas outras, notamos a semelhança de meios empregados para a recuperação da saúde abalada. O que se deve ressaltar é que, de um modo geral, jamais se distanciam as receitas médicas populares da influência da magia. Há sempre um apelo às forças imateriais. Um rito, qualquer coisa que transcende à compreensão humana.



A observação talvez não seja nova ou não represente nenhuma contribuição decisiva aos que estudam a medicina popular e suas aplicações pelo homem do povo. Entretanto, vale a pena registrar, o mais importante nos tratamentos, muitas vezes, é o ritual com que o mesmo se processa sem que o doente venha a saber como lhe preparam o remédio que tomou. Não há dúvida, o sertanejo, de um modo geral, acrescenta maior importância ao sentido sigiloso de determinados tratamentos. Rezadores, curandeiros e raizeiros com quem mantive a mais estreita amizade sempre me advertiram do valor de certos gestos e atitudes quando estão preparando os remédios ditados pela experiência.

De um para outro mezinheiro verificam-se apenas ligeiras modificações na maneira como externam seu pensa-

mento a esse respeito. Dizem: “É preciso ter “ciência” pra salvar o doente” ou “a força do remédio está no segredo”. Realmente, recomendam as pessoas interessadas o mesmo cuidado quando transmitem a fórmula do tratamento dos mais íntimos:

– Olhe, não diga a fulano (o doente), pois assim o remédio não terá valor nenhum

Se o enfermo fica bom é porque nenhuma força estranha surgiu para impedir a ação benéfica da mezinha receitada ou o poder mágico do remédio não teve a sua ação prejudicada pela quebra do sigilo, condição “sine qua non”, já se vê, da medicação indicada.

Para este trabalho anotamos algumas receitas dessa terapêutica popular, em que não faltam as recomendações de sigilo, desenvolvendo-se o tratamento debaixo de sete-chaves, como se se tratasse de um mistério de alta e merecida importância. Pessoas de minha amizade, para citarmos o primeiro caso, estão submetendo um parente, que sofre de asma, a um desses misteriosos tratamentos. O coitado já bebeu duas vezes, em chás, gotas de sangue de um gato preto, obtidas da orelha. A verdade – e certamente deve haver milagrosa coincidência por conta da estranha beberagem (o sangue foi dado a beber ao paciente, dissolvido num xícara de chá) – o asmático já não sofre a turbção dos acessos. Até desapareceu o “piadinho” das manhãs, quando a friagem é bastante agradável. Os diálogos em torno do assunto evidenciam a sua influência:

– Ah, se ele souber, “o piado” volta forte, em cima das buchas!

– Dizem que o “segredo” do remédio está no fato de o doente ignorar o que bebeu.

– Não digam pra ele.

Outro mais compadecido: “Coitado do gato...”

Os gatos, infelizmente, para eles, têm um prestígio excepcional no tratamento da asma. Já anotáramos em nosso “Medicina Popular” como são utilizados, de diversas maneiras. Ora servidos apenas os pelos do focinho, ora o próprio sangue, puro, bebido de uma vez, sem rebuços, ou, em última instância, um verdadeiro cozido da carne de um gato mourisco (trata-se do “Felus Jaguarundi”), citado com destaque pelo romancista Cordeiro de Andrade em seu livro “Cassacos”, romance impregnado de cenas da vida campestre do Ceará. Dessa ou daquela maneira, insistimos, o repugnante remédio deve ser ministrado sob aquele princípio de mistério tanto da simpatia dos nossos queridos irmãos sertanejos...

Chá de “jasmim de cachorro”, para citar mais exemplos, é outra recomendação em que se têm aproveitado os excrementos de um cão, quase a se transformarem em pó, em remédio dos mais repugnantes. Poucos são aqueles que tendo sarampo no “hinterland” nordestino escaparam de bebê-lo. A verdade é que, sendo meizinha sobremodo generalizada, é temida por todos os doentes. Quem adoece de sarampo fica logo desconfiado. Passa a recusar os remédios.

– Que é isso? Tem um cheirinho esquisito.

– Tolice. Tome o remédio.

– Mas isso parece...

– Parece, mas não é. Você não quer ficar bom?

Quem não desejará recuperar a saúde? E vai o enfermo facilitando, facilitando... Quando menos espera, está ficando bom, mais disposto. Ao recuperar-se, dias depois, estarrecido, sabe por intermédio de algum indiscreto que tomou, sem saber, chá de “jasmim de cachorro...”

Ainda para o tratamento da asma, de que nos valeu como primeiro exemplo o ritual das gotas do sangue da orelha de um gato preto, convém lembrar que um canção amarrado ao pé da cama de quem sofre da doença é santo remédio.

O importante, na história, é não descobrir ao asmático que o passarinho, aprisionado debaixo de sua cama, tem como objetivo acalmar-lhe os acessos que tomam conta do corpo.

Há quem aconselhe manter o canção dentro de uma gaiola, no interior da casa, sem que o doente saiba qual a missão terapêutica que vai desempenhar. Enquanto não houver comentários a respeito, tudo será favorável a que o enfermo recupere a saúde, ficando livre do “piado” que é, realmente, incômodo. Mas, falou alguém sobre a ação do passarinho, está decretada a sorte do asmático:

– Foram falar, botaram o remédio fora!

E existem sempre as informações de casos reais em que o doente, logo que soube para que se destinava o canção, piorou terrivelmente, precisando até de médico.

– Dizendo é pior. Quebra a força do remédio e a doença vem com força mesmo....

Não existem somente esses exemplos em que se evidencia a atitude sigilosa, mágica, do sertanejo quando se vale de seus recursos, ora repugnantes, ora perfeitamente aceitáveis, no combate às diversas enfermidades comuns à sua área geográfica. A maioria dos remédios esquisitos obedece a um ritual todo especial. Existe como que uma série de normas que devem ser cumpridas pelos familiares do enfermo, sob pena de o tratamento não surtir o efeito desejado.

Quando falham as medidas de precaução para encobrir a repugnante realidade de certas mezinhas, podemos estar certos: falha igualmente o tratamento.

## **Cerâmica popular cearense**

Com o objetivo de estudar a cerâmica popular do Nordeste, e, com essa idéia, interessado em obter informações que melhor nos fôrassem para o agradável cometimento, procuramos na cidade de Natal o folclorista Luís da Câmara Cascudo, solicitando-lhe uma bibliografia que valesse a pena ser consultada. A resposta daquele estudioso do nosso folclore deixou-nos amargurado: “A bibliografia de que me fala poderá ser iniciada agora, se para tanto você estiver decidido a escrever um livro”. Daquele dia a esta parte já lá se vão quatro ou cinco anos. Não tinham surgido ainda para a curiosidade dos leitores, e até mesmo dos próprios estudiosos, os pequenos mas necessários estudos, como por exemplo, de Walter Piazza (*A Cerâmica Popular Catarinense*), de Mário Baldi, (*A Cerâmica dos Índios Carajás*), e mais outros trabalhos da mesma natureza que, insertos em revistas ou reunidos em livros, já contribuem para facilitar e até estimular os estudos da arte que sempre foi uma preocupação dos povos.

O Ceará não é uma região produtora de cerâmica comerciável, isto é, de obras preferidas e elogiadas pelos que admiram a criação popular mais vistosa e por isso mesmo sofisticada. Os colecionadores – e até de certo modo alguns estudiosos, talvez mais pelo exagero do quererismo regio-

nal – preferem sempre os bonecos do mestre Vitalino, de Caruaru, Estado de Pernambuco. Declaramos aqui – e talvez correndo o risco de exacerbarmos os ânimos dos que admiram exaltadamente os calungas de Pernambuco – que não apreciamos os atuais bonecos daquele artista popular, principalmente os desta sua fase de rebuscamentos, quando a obra criada, plasmada por suas mãos e a de seus auxiliares, já muito se assemelha ao que é vendido em lojas, etc.

Artista de mais fatura – pelo menos dentro das características isentas de influência que se exige no homem do povo – exatamente pelo movimento que empresta às suas figuras pela simplicidade das peças zoomorfas ou antropomorfas que concebe, é ilustre anônimo natalense, homem do povo, que trabalha com uma argila escura, decorando-a com tinta branca. De sua criação possuímos dois ou três trabalhos de poderosa expressão e ritmo. Não temos notícias nem de seu nome, e ninguém o quis chamar de mestre, mesmo sendo ele um verdadeiro ceramista, fiel ao seu método primitivo de trabalho e produzindo como realmente deve produzir, isto é, sem o interesse de colorir as figuras que cria de modo a confundilas com estatuetas de lojas.

Nossa coleção particular (de aproximadamente cem peças) reúne material dos mais representativos. Para os que já se acostumaram ao colorido dos artistas da área pernambucana, essas peças – referimo-nos ainda às do ceramista natalense – não poderão agradar. Enquanto os bonecos daquela região são pintados a óleo, com colorido brilhante, nos trabalhos dos ceramistas do Ceará a tinta utilizada é sempre suave, discreta, obtida à base de anilinas. O artista popular do “hinterland” cearense não faz objetos para turistas ou colecionadores exigentes, nem tem a seu favor um verdadeiro DIP de intelectuais, nativistas, a exaltar o entusiasmo de seus feitos, um pouco distorcidos da verdade, vamos dizer, folclórica.

As peças zoomorfas ou antropomorfas são criadas sob a inspiração dos temas de sua própria geografia ambiente. Se o louceiro – designação comum do homem que trabalha o barro – tem sua residência situada num pé-de-serra, e a paisagem que Deus lhe concedeu para encher-lhe a existência é esta que se constitui de animais que transportam frutas em caçuás, de extensos comboios de burros e éguas tilintando seus chocalhos pelas ladeiras, de animais – bois e vacas – pastando pelos campos, etc., naturalmente nela o louceiro terá a verdadeira seara de sua inspiração. O ceramista será incapaz de modelar um médico, um dentista, um agrimensor, um locutor de rádio. Tais figuras não existem obrigatoriamente no colorido humano de seu ambiente onde predominam animais, e por isso mesmo não podem influenciá-los de maneira decisiva. Nessa peregrinação de mais de quinze anos, em interesse da cerâmica do Ceará, cerâmica em bases honestas, sem o perigoso estímulo de fazedores de mestres, jamais encontramos nas feiras do interior cearense – quer fosse em Pacatuba, Iguatu, Maranguape, Juazeiro do Norte, Barbalha, Crato, etc. – figuras em que se sentisse a fuga do artista popular aos elementos de seu “habitat”.

A cerâmica popular do Ceará conserva-se simples, grandiosa e fiel à sua simplicidade. Duas localidades contribuem com o que há de melhor no assunto: Cascavel e Ipu, principalmente Ipu onde a cerâmica alcança uma leveza fora do comum, plasmada em argila amarelada, algumas vezes um tanto esbranquiçada, recebendo um tratamento de cor em que predomina o vermelho claro em harmonia com a peça. Cascavel dá-nos, a seu turno, uma cerâmica branca, às vezes demasiadamente branca. Aí, a coloração é diferente. O artista responsável pelas diversas peças decora-as com tinta azul (anilina, sempre anilina), não alcançando equilíbrio estético satisfatório. Dessa região possuímos um “homem passeando a cavalo, de chapéu na cabeça”, capaz de disputar valor e

qualidade, em igualdade de condições, a qualquer peça de mestre Vitalino que, em amor à verdade, apesar do mal que lhe fizeram os seus orientadores dessa sua fase moderna, é realmente um artista de valor.

É simples a figura do cavalo; imponente a do cavaleiro, vestindo uma camisa azul com gola encarnada. O chapéu completa o traje desse tipo impressionante que nos lembra, de pronto, uma crítica direta aos filhos dos coronéis, gente de desmandos que sob a influência do dinheiro apreciam equitar diante do olhar e do elogio de pobres roceiras.

Vale a pena insistir: o ceramista cearense não é um artista que se liberte dos temas de seu ambiente para dar outra natureza à sua obra, ou caracterizá-la sob influências citadinas. Fala de acordo com o seu conhecimento, com o que lhe serve a Natureza em todos os momentos de sua existência. Anotamos a seguir, como contribuição aos estudiosos, os motivos que, a nosso ver, são os temas principais de sua inspiração:

Cavalos  
Burros  
Jumentos com caçuas  
Boi (de preferência o zebu)

Zoomorfos: Papagaio  
Galinhas, perus, demais aves domésticas  
Cachorro  
Jacaré (fidelidade às histórias da Amazônia)  
Cágados  
Coelhos

Cangaceiro  
Músicos (tocador de sanfona, de violão, repentistas, etc.)

Antropomorfos: Homens e mulheres dançando

Rendeira

Banda de música

Botador d'água

Vaqueiros, etc.

A combinação de cores preferida: encarnado-azul. Outra igualmente utilizada com freqüência: verde-encarnado. Pode ver-se ainda pintura à base de preto-amarelo. Todos os bonecos (figuras humanas) têm os olhos assinalados por tinta vermelha; poucos se apresentam com orifícios que os destaque, e são raros os que representam os dedos das mãos com talhes feitos a ponta de faca. Algumas peças zoomorfas, como perus, pavões, são enfeitadas com penas autênticas, sendo características as pernas de palito, recurso que contribui para acrescentar às peças certa leveza e graciosidade. É interessante a solução técnica do sertanejo, que evita a destruição da peça e confere à mesma uma semelhança mais aproximada do modelo.

Trabalha o ceramista como todo louceiro. A argila que colhe no barreiro, geralmente próximo de casa, é levada para o seu terreiro e posta a “dormir” em bolões especiais, até perder a força. Depois de algum tempo é o barro novamente esfarinhado e em seguida mesclado até garantir determinada consistência. Prontas as peças, são submetidas a uma temperatura razoável (se o fogo é produzido por combustão de lenha ou carvão), até adquirirem o tom que agrada ao artista ou que esse pensa ser do agrado de seus compradores. No mesmo dia, se houver tempo, ou no dia seguinte, são feitos os “enfeites”, isto é, desenhos com tinta vermelha, azul, etc., simbolizando trajes, arreios de animais, etc.

O louceiro trabalha a semana inteira para, no dia de feira, geralmente sábado ou domingo, ir à cidade levar ao

comércio o produto de seu trabalho. Como a sua principal ocupação é fazer recipientes domésticos (alguidares, pratos, vasilhas, moringas, etc.), apronta-os em maior número para satisfazer à constante procura de uma freguesia que pouco se utiliza da louça vitrificada das cidades.

Não esquece, porém, de levar nos alguidares, acomodados em folhas secas de bananeiras, os bonecos de barro que vão fazer a delícia das crianças que comparecem às feiras. Cada peça é vendida a um cruzeiro. As grandes (pois o valor não é conferido pela qualidade artística e sim pelo tamanho) custarão no máximo dois ou três cruzeiros. Ao lado de burricos, cangaceiros, galinhas, perus, etc., concebidos em argila, vendem também miniaturas de alguidares, quartinhas (moringas), ferros de engomar, que são disputados pelas meninas interessadas, para as suas brincadeiras de “comadre”.

Nessas rápidas e despreziosas linhas tentamos uma interpretação sincera da cerâmica dos sertões cearenses que, para nós, sem exagero, destaca-se pela sua fidelidade aos temas da região, aos princípios rudimentares de tão expressiva arte. O ceramista caboclo, de chapéu de couro e alpercatas, não se decidiu ainda pela tinta a óleo para decorar seus bonecos, nem tampouco pela criação de objetos que não estejam integrados em sua existência.

E isso o isenta de qualquer influência estranha, perniciosa e civilizadora, o que representa mais um motivo para elogiar-se o seu trabalho, que é simples e natural.

## **Mau olhado e outros temas**

**A**s turbações que modificam o destino das criaturas são atribuídas ao efeito nocivo do mau olhado. Para o homem do povo, a planta que minguava sem produzir, a doença que o surpreende, o filho que adoece repentinamente são fatos decorrentes da ação maléfica de invejosos, daqueles que, tendo pautado com o demônio, transformam as coisas boas em más pela simples e rápida ação de um olhar.

A esse respeito muito se tem escrito. Em mais de uma oportunidade nós mesmo abordamos o assunto e a ele voltamos, agora, para tecer alguns comentários sobre o que se considera “mau olhado” e “jetatura”. É compreensível, e todo mundo sabe, que o mau olhado é malefício que atinge a felicidade alheia, enquanto a jetatura é a ação perniciosa que leva aos outros desgraça, doenças, e até a própria morte. Diz William Graham Sumner: “Jetatura é a encantação maléfica lançada voluntariamente por pessoas que têm o dom do mau olhado e podem lançar tais encantações, talvez inconsciente e involuntariamente”.

O sertanejo confunde mau olhado com jetatura. Para ele tudo que lhe chega de surpresa – doença, más notícias, azares da vida, etc. – decorre da inveja alheia, da força do demônio que se manifesta pelos olhos do homem mau. A dona da casa esconde a planta bonita para que a vizinha

invejosa, com o mau olhado, não a faça definhar. O rurícola coloca um chifre de boi no roçado para que a pessoa que tiver “força no olhar” não prejudique a colheita de sua messe.

Há um temor generalizado a certas criaturas. Logo que se nota em alguém um olhar mais diferentes todas as precauções são de pronto tomadas para que o demônio não se manifeste em suas múltiplas perseguições. Diz-se: “Cuidado com Fulano. Ele tem um olho mau...” É esse “olho mau”, o olho da impiedade, que corrompe, que prejudica, que infelicita. Daí as medidas de proteção. O cuidado que tem o homem do povo escondendo um jarro de plantas, fazendo certas transações comerciais longe da vista de terceiros, sim, porque ninguém sabe muitas vezes quem possui realmente o malefício do mau olhado.

Em Bornu, lemos em William Graham Sumner (“Folkways”), “quando se vende um cavalo de boa qualidade, a entrega se faz à noite, por temor ao mau olhado (olhos cobiosos e invejosos) dos circunstantes”. Entre os núbios – diz-nos William F. Fielding, – não se carrega comida descoberta, com medo da contaminação do mau olhado. Entre os sertanejos do Nordeste há uma série de práticas defensivas, irmãs das que citamos. E, fortalecendo-as, há o emprego dos talismãs, o que não é nenhuma novidade, pois o coral vermelho, na Europa, é um meio defensivo à ação maléfica do mau olhado, como também o se pintar um olho entre os latino-americanos, ou exibi-lo, como o fazemos nós no Brasil. A ferradura, símbolo de boa sorte, pregada no portão das estâncias, tem a mesma ação do chifre que colocamos nos roçados ou no jardim de nossas residências, até mesmo nas capitais.

Ainda na ordem dos talismãs é oportuno que se lembre: não há criança que não receba dos padrinhos, logo ao nascer, uma figurinha para protegê-la do mau olhado. A criança sertaneja já nasce, pode dizer-se, sob o signo da proteção

ao “olho do mau”, satânico poder que conturba o destino dos felizes e faz com que o bonito fique feio, o sorridente entristeça, e, de tristeza em tristeza, muitas vezes, chegue à morte.

A verdade é que a humanidade sempre temeu o poder de determinados olhos. Os órgãos mais poderosos do sentido – porque vislumbram tudo; encantam, seduzem, transparecem o ódio, a magoa que se esconde no coração, – sempre amedrontaram os homens. E para tranquilizarem-se, através os tempos, sempre utilizaram talismãs, a invocação de seres poderosos (na Grécia foi criada um poder maior, Medusa, capaz de enfrentar a ação destruidora do mau olhar), e as orações.

Há várias orações no “hinterland” cearense contra a inveja que se manifesta pelo “olho do mau”. João Ferreira Lima, autor de “Segredos da Natureza e a Sabedoria Humana” (espécie de “Lunário Perpétuo”, dos sertões cearenses) – recolheu a seguinte oração: “Se teus negócios estão sendo perturbados por irradiações de pessoas invejosas e dotadas de má vontade, faça o seguinte: Durante nove dias, compreendendo três segundas-feiras, três quartas-feiras e três sextas-feiras, à noite, de 8 às 9 horas, ou seja, das 20 às 21 horas, acenda três velas em triângulo e dê um defumador de incenso de igreja em intenção dos 7 Mistérios Divinos e de Maria Santíssima. Deve dizer mentalmente que os efeitos dos maus olhados, das más irradiações, os atrasos e más vontades que perseguem os negócios, planos e desejos sejam anulados e aniquilados por completo, em nome de Deus Todo Poderoso. Reze um ofício da Mãe de Deus, como é de costume, com toda obediência, sinceridade e fé. Será melhor de Lua Nova e Lua Cheia”.

Na medicina popular do Nordeste, a cada passo, encontramos notícias de pessoas que, para se precaverem contra os efeitos dessa ou daquela enfermidade, usam certos

amuletos, principalmente dentes de porco ou de jacaré. Representam eles mais uma manifestação simbólica contra os efeitos do mau olhado. E tanto isso é comum que na Índia, segundo o já citado William Graham Sumner, usa-se um dente ou uma garra de tigre, bem como símbolos obscenos, ou fios de búzio, para afugentar o mau olhado.

É costume nosso, no Nordeste, em certas ocasiões, dizer exatamente o contrário daquilo que pensamos de uma criatura. Se é um menino bonito que contemplamos, deveremos dizer: “ô criança feia”! Dizem que, assim fazendo, estaremos afugentando os maus espíritos que poderiam invejar a beleza da criança. Interessante é que na Hungria existe a mesma precaução, de onde se conclui que o medo, o temor ao mau olhado e os meios de defesa que deles nos utilizamos são semelhantes no mundo inteiro.

Com figas, orações, determinados rituais, através os tempos, o homem tem repetido o mesmo temor ao mau olhado que acometeu as coletividades primitivas.



Mário Ypiranga Monteiro, que pontifica em Manaus sobre assuntos do folclore amazônico, em seu estudo “O Complexo Gravidez-Parto e suas conseqüências”, escreve o seguinte: “A concepção é o estado fisiológico da mulher que mais impele a curiosidade exterior. Quando esse estado atinge a sua máxima importância, desperta o interesse coletivo, desde que se expõe ela aos comentários insinuantes da rua.

Inicia, assim, aquele pesquisador do extremo norte, definindo com palavras acertadas sua tomada de posição no que diz respeito ao problema que representa a gravidez para a mulher, de um modo geral. Logo que as companheiras de

uma coletividade descobrem que a amiga está grávida, um mundo de comentários, de palavras chistosas principia a circular. Existem as perguntas capciosas; frases maldosas, mas, na maior parte das vezes é simples brincadeira; excesso de intimidade.

Dizem: “Virgem”, o que tu andou comendo que ficou “assim”? – Menina, tu já tá “gorda”, outra vez? – “Logo vi que “isso” era novidade...” – “Pensei que você estava doente, mas agora estou vendo que a “doença” era menino!” – “Espere? Você comeu melancia?” – (Aludindo a uma anedota muito popular no Nordeste: “O trem tá passando perto de tua casa?”) – “Tá veno em que dá a “brincadeira” de pobre?”

– “Você parece que andou comendo vento...”

Os comentários envolvem o problema da vida difícil, das coisas caras, a situação de pobreza em que vivem os do lugar. Pobre não sabe a tabela dos dias daquele cientista chinês que descobriu os dias estéreis na mulher; nasce menino quando Deus determina. Não adianta tomar remédio, nem tomará, mesmo que a recomendem. Os meios abortivos são utilizados por donzelas infelizes, nunca pela mulher sertaneja que todos os anos se encarrega de trazer ao mundo mais um brasileiro. Há frases mais ou menos como estas: “Riqueza de pobre é filho, d. Maria – “Atrás do pobre anda um bicho” – “Coragem de pobre é ter filho” – “Mulher foi feita pra ter menino” etc. etc. Raramente ouvem-se sentenças contra aquelas que todos os anos procriam, mas, às vezes, comentam com certa impiedade: “Aquilo é que é mulher enxerida. Tem filho todos os anos...”

Por outro lado constitui anormalidade das mais sérias na vida da comunidade sertaneja qualquer mulher descansar gêmeos. Se o parto for em número superior a dois, então o falatório correrá por toda a vila, reforçando o escândalo da vizinhança:

– “Ave Maria... só bicho é que “pare” de muito...”, ou então: “Parece rato...”

De um modo geral, a mãe sertaneja, exatamente pelas limitações de sua pobreza, não pode preparar o enxoval do filho. No máximo uma camisinha – que será a do batizado – e alguns pedaços de pano que servirão para envolver a criança nos primeiros dias até o segundo ou terceiro mês de nascimento. Como todo rebento da terra, vai criar-se rústico: pisando no chão, apanhando verminoses, e experimentando os mais estapafúrdios remédios da medicina popular.

Arrolamos, para quantos se interessam pelos estudos e informações sobre o assunto, algumas práticas, superstições e remédios de que se utiliza a mãe sertaneja. Uma ou outra, talvez, já registramos em nosso “Medicina Popular”, mas vale a pena tê-la aqui novamente: 1 – Para se saber se vai nascer macho ou fêmea, deve proceder a futura mãe da maneira seguinte: joga para cima uma camisa do enxoval e “repara” como ela cai. Caindo embolada será menino. Se cai estirada, já se sabe: mais uma Maria no mundo...

2 – Mulher grávida não deve passar por cima de cabresto de animal. Se tal ocorrer, o parto será muito difícil. Evita-se, entretanto, o transtorno, amarrando a mulher pela cintura com um cabresto de couro cru.

3 – Gestante não deve sentar-se em batente de porta. Terá complicações post-parto.

4 – Para que o parto se processe rapidamente, deverá a gestante, todos os meses, andar de quatro pés dentro do quarto.

5 – Mulher grávida só deve ver pessoas bonitas. Se contemplar um cego ou aleijado, o menino nascerá com defeito físico.

6 – Pentear os seios, com um pente fino, facilita a saída do leite na hora da amamentação.

7 – Azeite doce também serve para “amolecer” o leite. Basta aplicá-lo nas mamas.

8 – Não se deve guardar chave à altura do seio, por dentro do vestido. É danado – dizem – para fazer menino nascer de beijo lascado.

9 – Medalha ou até mesmo escapulário, pendurado ao pescoço, se o cordão for grande, pode fazer “sombra” e manchar o menino. Isto é, o menino nascerá com algum sinal no corpo.

10 – O umbigo do recém-nascido terá que ser enterrado na porteira do curral ou no pé do Cruzeiro, para que o menino seja sempre feliz.

11 – Azeite doce, amornado no fundo de uma coité, serve para aliviar os seios que sofreram arrote de menino novo.

12 – Meter na boca do recém-nascido a cabeça de um pinto que acaba de deixar o ovo, faz o menino falar depressa.

13 – Se a criança demora a andar, já se sabe: não há melhor remédio do que meter suas pernas no fato de um boi, ainda quente.

14 – Para o mesmo fim, anda o pai três domingos seguidos, pela manhã cedo, antes de falar com alguém, em volta da casa, fazendo-se acompanhar do menino e convidando-o três vezes a ir à missa.

E, assim, sucedem-se as superstições, as práticas da medicina popular no que diz respeito à gravidez e ao parto das mulheres.



Não será difícil negar aos números influência sobre o destino das criaturas. Entretanto, são eles, principalmente os de um até dez, relacionados com freqüência pela literatura popular, ora

como símbolos de tratamentos mágicos, ora como verdadeiros tabus que infelicitam os menos avisados, ora na contagem ou ritual de um medicamento da terapêutica cabocla.

O homem do povo sem sentir-se vai adotando determinados números; implicando com outros aos quais atribui o dia ruim que teve, o desfecho de um caso amoroso ou a pouca sorte no jogo. Se é cantador, gosta de aludir ao encantamento dos números, ao seu sortilégio, fazendo versos em que se sente, nitidamente, a presença mágica, cabalística dos algarismos.

A oração aconselhada para curar bicheira, em qualquer área territorial do Nordeste brasileiro, após as primeiras palavras, terá infalivelmente o apoio dos números, da maneira que se segue: “Hás de ir caindo de dez em dez, de nove em nove, de oito em oito, de sete em sete, de seis em seis, etc”. Se não houver esse processo diminuinte (de dez em dez, de nove em nove, etc). – os bichos não abandonam os animais. José Teixeira, autor de “Folklore Goiano”, citando João Ribeiro, acredita que o referido processo seja uma herança européia. Lá, como aqui, há orações com a mesma orientação:

*“Nine duble is he  
Now from nine double to ei ght double  
And from eight double to seven double  
And from eigh double to six  
And from eight double to five... etc., etc”.*

O método, de tanto ser chamado a intervir na terapêutica popular, foi, aos poucos, entrando igualmente na cantoria, principalmente nos desafios. Gustavo Barroso, em seu valioso livro “Ao som da viola”, recolheu versos cuja característica está no crescendo dos números:

*“Poeta dez vezes mil!  
Uma vez e tão somente  
Duas vezes dois me disseras,  
Três vezes três quem tu eras,  
Quatro vezes quatro ciento.  
Quatro vezes quatro ciento  
Cinco vezes cinco liquentes”.*

Jacó Alves Passarinho, ou, mais propriamente, Jacó Passarinho, a respeito de quem Leonardo Mota disse ter tido provas, várias vezes, dos seus dotes de grande improvisador e ágil repentista, apreciava os “numerais”. Os que desejarem conhecer quase cinqüenta versos dessa natureza, poderão encontrá-los no livro do inesquecível folclorista cearense, “Cantadores”, do qual repetimos esta sextilha:

*“O home que rapa a crôa  
Ou é padre, ou frade ou reis.  
Eu p’ra cantar nunca tive  
Dia, semana, nem mês;  
É treze, é doze, é onze, é dez;  
É nove, é oito, é sete, e seis.”*

No desafio de Sebastião de Enedina com Zé Eusébio (título, aliás, de um folhetim) publicado pelo poeta popular de Recife, (segundo informações de Luís Câmara Cascudo, não é muito exato que tenham existido os referidos contendores), quando os dois cantadores passam das “colcheias” as décimas” abordam o mais interessante tema de “numerais” da literatura popular. Embora os versos procurem rimos e rimas para os números, envolvem sempre as mesmas características: caixeiros numa venda, navio no oceano, certos viajantes, armazéns, etc.

*“Dez viajantes comendo  
Nove panelas de tripa  
Oito cabras bons na ripa  
Sete aleijados correndo  
Seis cegos se maldizendo  
Cinco pragas de cigano  
Quatro corre em cada ano  
Três barcos cheios de farinha  
Dois trens correndo na linha  
Um navio no oceano*

Mas a peleja de João Athayde com Leandro Gomes (editada por José Bernardo da Silva, de Juazeiro do Norte (CE), reúne inegavelmente a melhor demonstração do processo de cantoria sob a influência dos números. Principia tudo por um mote dado por Leandro ao seu desafiante (“Uma nação reunida – uma moradia distante – um porto na beira-mar – um homem comerciante”) que tem em resposta esta glosa de Athayde:

*“Dez fortalezas salvando  
dez homens numa questão  
dez vapores de saída  
dez caixeiros num balcão”.*

Voltou Leandro já numa décima, aproveitando o expediente dos números:

*“Dez fortalezas salvando  
nove batalhões formados  
oito generais armados  
sete cometas tocando  
6 pedras infernais queimando*

*cinco tinas de gelada (cerveja)  
quatro casas de morada  
três comandantes de linha  
duas cidades vizinhas  
uma nação reminada (revoltada)*”.

E por aí se desenvolve a cantoria. Leandro, após cantar vários versos um pouco inferiores aos de seu antagonista, apresenta-se com esta “décima”, que vale a pena:

*“Dez caixeiros num balcão  
nove fregueses comprando  
oito poetas glosando  
sete patacas de pão  
seis metros de gorgurão  
cinco meninas galantes  
quatro sujeitos pedantes  
três despachantes ligeiros  
dois automóveis cargueiros  
um homem comerciante*”.

Athayde não se deu por vencido, respondendo rapidamente:

*“Um homem comerciante  
dois automóveis cargueiros  
três despachantes ligeiros  
quatro sujeitos pedantes  
cinco morenas galantes  
seis metros de gorgurão  
sete patacas de pão  
oito poetas glosando  
nove fregueses comprando  
dez caixeiros num balcão*”.

Os números na antigüidade, principalmente para os babilônios, possuíam atributos sagrados. Eram símbolos que desafiavam a inteligência humana sempre disposta a decifrá-los. Por uma tradição que perde seus laços através do tempo, o nosso sertanejo continua a reverenciá-los, a sentir a mensagem mágica, a revelação do destino e, ao mesmo tempo, de sabedoria que neles existe.

#### IV

Não esperem os leitores possamos repetir, na exiguidade do espaço, mesmo porque para tanto desfalecemos de engenho e arte, a proeza de Basílio de Magalhães a contar-nos as aventuras do café na História, no Folclore e nas Belas-Artes. Seu livro “O Café” é dessas obras que esgotam o assunto: contam tudo. Não fosse a obrigação semanal deste contato com os leitores, menos obrigação do que prazer, não estaríamos, hoje, a escrever umas tantas observações, a registrar outros tantos fatos interessantes, ocorrências e versos, dizemos melhor, a respeito da deliciosa bebida.

Verdade é que os nordestinos não dispensam uma xícara de café. Aliás, pobre não bebe em xícara, mas em tijela, que nela o café parece ser servido com mais liberalidade, e ao se levar o recipiente à boca tem-se a impressão de que a fragrância é mais forte e sabe a bebida realmente gostosa. Café é o licor do pobre. Homem do povo que não pode oferecer ao amigo, ao compadre que o visita, uma xícara de café, podem crer, anda mesmo mal de vida. E já vimos, em artigos anteriores, numa tentativa de estudos da etiqueta da vida rural do Ceará, que é medida de bom-tom a pessoa, que ingere a bebida, dizer frases como estas: “Tem

um gostinho de venha mais”, “Vou repetir outra vez”, “Só tomando outra”... etc., etc.

Não é apenas o café a bebida ideal para as visitas. Vale mais alguma coisa, pois vale quase para tudo. Funciona como veículo de feitiçarias, bastando ser coado em peça íntima de mulher, para quem dele sorver alguns goles ficar enrabichado, termo que na geografia mulherenga do Nordeste significa: apaixonado.

Na medicina popular alcança um emprego dos mais salvadores: para corte que se dê, na perna ou no braço, até mesmo para uma perebinha sem importância, não há como a aplicação do pó, já servido. Nascemos e crescemos ouvindo os nossos maiores dizerem:

– Taca pó de café no golpe, que estanca o sangue!...

Menino que dá vertigem em igreja, à falta de vinho de missa, não há como tomar uma xícara de café, amargo, bem quente. “Dá quente, que levanta as forças”. Quente e amargo, serve para muita coisa: para tontura em mulher que está esperando criança, isto é, que vai muito em breve sentir as dores do parto; para quem andou bebendo demais, enchendo a cabeça de aguardente, etc. Aliás é interessante a referência que faz o homem do povo ao setor do corpo humano em que presume agir a aguardente. No “bucho”, e isso pode ser verificado facilmente, ficam sempre as comidas estabanadas do Nordeste. A cabeça, ao contrário, enchesse de cachaça. Mas, para quem “encheu” a cabeça ou o “juízo” de aguardente, o remédio infalível é café sem açúcar. Daí o dizer-se, quando alguém serve café com pouco açúcar: “Éta, isso é café de bebo!”, ou então, “Será que você está pensando que estou embriagado?” Conforme a densidade, o paladar que oferece ao bebedor, o café ganha várias classificações: quando está fraco demais, feito com economia de pó, a frase mais usada é esta: “Arre, até parece lavagem de espingarda. “Quem

passou o café num pode se casar ainda”. Só pode casar-se quem sabe passar café: é lei. Existem, ainda, os que dizem: “Este café é mesmo marca três FFF”. Significa: Fraco, Frio e Fedorento.

Afrânio Peixoto, citado por Basílio de Magalhães, transmite-nos uma crendice a respeito da terrível ação do café: “Queimar os cabelos produz loucura. O mesmo efeito produz café com suor de cavalo”. De uma maneira ou de outra, a verdade é que sertanejo é meio desconfiado a respeito das misturas de café com suor ou com outras secreções. Se o café não tiver o gosto normal, ninguém se arriscará a tomá-lo, mesmo porque já ouviu dezenas de histórias de pessoas que ficaram dementes pela ingestão de certas bebidas, possivelmente café com suor, etc.

Já ouvimos: “Café ruim tem mandinga ou dá dor de barriga”. Há dezenas de frases semelhantes que nos autorizam reconhecer que o sertanejo, desconfiado como é, não será capaz de ingerir café em casas de estranhos, sem certo temor. Se existe algum amor em perspectiva, é comum ouvir conselhos dessa natureza: “Cuidado com o café, que é com ele que a moça pega a gente”, ou então: “Café quente, tempo quente”, etc.

Siqueira de Amorim, poeta popular dos mais festejados do Nordeste, é grande apreciador da bebida que é o peso maior em nossa balança comercial. Seus versos dedicados à rubiácea são simplesmente deliciosos:

*“Em qualquer lugar que ando  
Tenho feito um certo estudo:  
Em casa de gente pobre  
Ou de pessoal graúdo  
Depois de almoço ou de janta  
Sempre o café manda tudo.*

*Ao chegar de uma viagem  
Quem quiser preste atenção  
De cavalo ou de automóvel  
Ou mesmo de pé no chão  
O café varre o cansaço  
Que temos no coração.*

*Quando o café vem passado  
Por um boa caboca  
Bebe-se olhando prá ela  
O gosto é uma coisa louca!  
Mesmo que a gente não queira  
Fica com água na boca”.*

Como todo nordestino, o trovador popular não deixa de proclamar as virtudes da bebida que não falta à casa do pobre ou do rico. E nos adverte com muita sabedoria:

*“Quem receber qualquer golpe  
Da cabeça, do corpo ao pé  
Pegue um pano, amarre em cima  
Parte de pó de café  
Sara com rapidamente  
Como milagre de fé.*

*Depois da farra danada  
De bebedeira valente  
Manda-se passar café  
Muito forte, amargo e quente  
É este o maior remédio  
Pra ressaca de aguardente”.*

E, assim, louvado por trovadores, elogiado pelos que o apreciam em suas boas qualidades, vai o café cada vez mais incorporando-se ao grande acervo das tradições populares de nossa terra.